

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Nova Guerra Fria? A percepção da Rússia sobre o Ocidente na era Putin

Victor Wolfgang Kegel Amal

Florianópolis

2016

Victor Wolfgang Kegel Amal

Nova Guerra Fria? A percepção da Rússia sobre o Ocidente na era Putin.

Trabalho de Conclusão de Curso

Orientador: Dr. Marcio Voigt

Co-orientador: Dr. Fred Leite Siqueira

Florianópolis

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Victor Wolfgang Kegel Amal, matrícula
n.º 12101869, entregou a versão final de seu TCC cujo título é Nova Guerra
Fria? A Percepção da Rússia sobre o Ocidente na Era Putin, com as devidas
correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 09 de dezembro de 2016.

Orientador(a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos cinco dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezesseis, às dezoito horas, no NIEPL, Centro Socioeconômico – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor **Márcio Voigt**, Orientador e Presidente, o Professor **Fred Leite Siqueira**, Co-orientador, o Mestrando **Guilherme Mattos**, Titular da Banca, e o Doutorando **Tiago J. Alves**, Suplente, designados pela Portaria nº51/HST/16 da Senhora Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Vitor Wolfgang K. Amal**, subordinado ao título: **“Nova Guerra Fria? A percepção da Rússia sobre o Ocidente na era Putin”**. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor **Márcio Voigt** e do Professor **Fred Leite Siqueira**, a nota final **9,0**, do Mestrando **Guilherme Mattos**, a nota final **9,0**, e do Doutorando **Tiago J. Alves**, a nota final **9,0**; sendo aprovado com a nota final **9,0**. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva em versão digital, ao Departamento de História, até o dia nove do mês de dezembro de dois mil e dezesseis. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 5 de dezembro de 2016.

Banca Examinadora:

Prof. **Márcio Voigt**

Prof. **Fred Leite Siqueira**

Mestrando **Guilherme Mattos**

Doutorando **Tiago J. Alves**

Candidato **Vitor Wolfgang K. Amal**

RESUMO:

Este trabalho discute qual é a percepção da Rússia sobre o Ocidente na Era Putin, ou seja, durante os anos que Vladimir Putin esteve como presidente ou como primeiro ministro (2000-2016). Para tanto, o trabalho problematiza os conceitos de *ocidentalismo moderado*, elaborado por Angelo Segrillo para descrever a percepção de Putin do Ocidente; e o conceito de *Nova Guerra Fria*, utilizado por jornalistas, acadêmicos e políticos para se referir às atuais relações entre a Rússia e o Ocidente. Afim de avaliar validade destes conceitos, o trabalho faz uma análise histórica da Rússia pós-Guerra Fria e dos discursos dos representantes russos nas Conferências de Segurança de Munique de 2007, 2015 e 2016. A hipótese da pesquisa é que a ideia de *Nova Guerra Fria* supervaloriza o caráter antagônico das relações entre Rússia e Ocidente, enquanto que a ideia de Segrillo que caracteriza Putin como um *ocidentalista moderado* serve de forma mais apropriada para compreender esta relação.

Palavras-chave: Putin. Ocidente. *Ocidentalismo Moderado*. Nova Guerra Fria. Conferência de Segurança de Munique.

ABSTRACT:

This work discuss which is Russia's perception about the West during the Putin Era, that is, during the years Vladimir Putin served as President or Prime Minister (2000-2016). For that, this work puts in doubt the concepts of *moderate occidentalism*, formulated by Angelo Segrillo to describe Putin's perception of the West; and the concept of *New Cold War*, used by journalists, scholars, and politicians to refer to the current relations between Russia and the West. In order to evaluate the validity of these concepts, this work makes an historic analisys of Post-Cold-War Russia, and of the russians representatives' speeches in the Munich Security Conference in 2007, 2015 and 2016. This research hypotesis is that the idea of a *New Cold War* overvalues the antagonic character of the relations between Russia and the West, while Segrillo's ideia that characterizes Putin as a *moderate occidentalist* suits more properly as a way to understand this relation.

Keywords: Putin. West. *Moderate Occidentalism*. New Cold War. Munich Security Conference.

LISTA DE FIGURAS.

Fig.1: <i>Evolução das fronteiras da Rússia</i>	p.11
Fig.2: <i>A expansão da OTAN</i>	p.37
Fig.3: <i>Divisão política na Ucrânia</i>	p.41
Fig.4: <i>Planície europeia</i>	p.43

Sumário.

Introdução.	9
O fim da Guerra Fria e a posição dos EUA e da Rússia na nova geopolítica internacional...	9
O ocidentalismo puro de Boris Yeltsin e o ocidentalismo moderado de Vladimir Putin.	15
Nova Guerra Fria.	20
1 Capítulo 1: A Rússia pós-Guerra Fria e o discurso de Putin na Conferência de Segurança de Munique 2007.....	29
1.1 As duas eras da Rússia pós-Soviética: Yeltsin e Putin.	29
1.2 O Primeiro mandato de Vladimir Putin (2000-2003) e as Guerras do Afeganistão e Iraque.....	34
1.3 A expansão da OTAN, a freedom agenda de George W. Bush e o segundo mandato de Vladimir Putin (2004-2007).....	36
1.4 O célebre discurso de Putin na 42ª Conferência de Segurança de Munique em fevereiro de 2007.	44
2 Capítulo 2: A parceria Medvedev-Putin e as Conferências de Segurança de Munique de 2015 e 2016.	54
2.1 Os anos de Medvedev na Rússia e Obama nos EUA.....	54
2.2 A MSC 2015.	65
2.3 O discurso do secretário de relações exteriores Sergei Lavrov.	67
2.4 A MSC de 2016 e o discurso do primeiro ministro Dmitri Medvedev.	71
2.5 O discurso de Dmitri Medvedev na MSC 2016.	72
3 Considerações Finais.....	76

INTRODUÇÃO.

“Hegel observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa” (MARX, Karl. 18 Brumário de Luís Napoleão)¹.

O fim da Guerra Fria e a posição dos EUA e da Rússia na nova geopolítica internacional.

O fim da Guerra Fria foi um dos mais importantes eventos históricos recentes. Marcou o fim de um século extremo, que começa com a Primeira Guerra Mundial e termina com a desintegração da União Soviética e do Socialismo russo. Durante a vigência da Guerra Fria (1945-1991), a política internacional se caracterizava pelo “constante confronto das duas superpotências que emergiram da Segunda Guerra Mundial”², a URSS e os EUA. O Bloco Socialista, dirigido pela União Soviética, era composto pelos países da Europa Oriental, Cuba, China, Vietnã do Norte e Coreia do Norte. Já o Bloco Capitalista, dirigido pelos Estados Unidos, era composto pelo Canadá, Austrália, os países da Europa Ocidental e praticamente todo o terceiro mundo. Militarmente, o primeiro se organizava em torno do Pacto de Varsóvia e o segundo em torno da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)³.

Segundo Raymond Aron, existiam duas zonas de enfrentamento entre os blocos⁴. A primeira ia de Vladivostok no extremo leste da Rússia asiática, passando por toda a Europa, até São Francisco no extremo oeste dos Estados Unidos. A linha divisória entre os blocos, na primeira zona, ficava na fronteira entre a Europa Ocidental e a Oriental, que ficou conhecida como cortina de ferro, tal qual a definiu Winston Churchill em um célebre discurso na Universidade de Westminster em Fulton, Missouri.

“De Estetino no mar Báltico até Trieste no mar Adriático uma cortina de ferro desceu sobre o continente. Atrás desta linha estão todas as capitais dos antigos Estados da Europa Central e Oriental. Varsóvia, Berlim, Praga, Viena, Budapeste, Belgrado,

¹ MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. In: *A revolução antes da revolução: As lutas de classes na França – de 1848 a 1850; O 18 Brumário de Luís Bonaparte; A guerra civil na França*. Expressão popular: São Paulo, 2008, p.199.

² HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. Companhia das letras: São Paulo, 2014, p.223. ³ ARON, Raymond. *Paz e guerra entre as nações*. UNB/IPRI, 2002, p.551. ⁴ Idem, p.555.

Bucareste e Sofia; todas essas famosas cidades e as populações ao seu redor estão no que eu devo chamar de esfera soviética, e todas estão sujeitas, de uma forma ou de outra, não apenas à influência soviética, mas à um forte, e em alguns casos crescente, controle de Moscou”³.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, o acordo entre a URSS, Estados Unidos e Inglaterra na Conferência de Yalta (1945) estabeleceu que as superpotências não iriam avançar seus exércitos para além da cortina de ferro. Este acordo, como diversos outros estabelecidos posteriormente ao longo da Guerra Fria, permitiram relativa estabilidade no continente, o que quer dizer que não havia um conflito armado direto entre os países da parte Ocidental e Oriental da Europa.

A segunda zona de conflitos entre os blocos era o restante do globo, conhecido pejorativamente como terceiro mundo. Este foi o principal palco da Guerra Fria. Além da disputa ideológica entre os regimes políticos e econômicos do “terceiro mundo”, na segunda zona era comum a ocorrência de *proxy wars*, ou guerras por procuração, em que os dois blocos se degladiavam por influência em países estrangeiros através do financiamento de organizações políticas e militares dentro dos países (como foi o caso da Guerra da Coreia, do Vietnã, entre outras)⁴. Ou seja, basicamente, todos os países do Sistema Internacional, depois do fim da Segunda Guerra Mundial, eram influenciados, em níveis maiores ou menores, pela dualidade entre EUA e URSS. Portanto, é correto afirmar que a desintegração da potência comunista em 1991 teve uma dimensão avassaladora na configuração da ordem global de Estados e a forma como estes passaram a se relacionar.

A dissolução da União Soviética foi resultado de um processo histórico complexo, produto da conjunção de diversos fatores econômicos, políticos, étnicos e sociais. Angelo Segrillo afirma que este processo começa com a perestroika, política de Estado que inicia o processo de restauração capitalista no bloco socialista⁵. Este processo leva a um grande desgaste do governo, pois trouxe fenômenos inéditos ao povo russo como a inflação e o desemprego,

³ No original: "From Stettin in the Baltic to Trieste in the Adriatic an "iron curtain" has descended across the continent. Behind that line lie all the capitals of the ancient states of Central and Eastern Europe. Warsaw, Berlin, Prague, Vienna, Budapest, Belgrade, Bucharest and Sofia; all these famous cities and the populations around them lie in what I must call the Soviet sphere, and all are subject, in one form or another, not only to Soviet influence but to a very high and in some cases increasing measure of control from Moscow." Disponível em: <<http://www.westminster-mo.edu/explore/history-traditions/IronCurtainSpeech.html>>

⁴ HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. Companhia das letras: São Paulo, 2014, p.227.

⁵ SEGRILLO, Angelo. *De Gorbachev a Putin: a saga da Rússia do Socialismo ao Capitalismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2015, p.11.

que agravaram a crise econômica que o país passava desde o começo dos anos 1980. Ao desgaste político gerado pela *perestroika*, somaram-se os conflitos nacionais dentro da URSS. Entre 1989-91, todas as 15 Repúblicas que constituíam a União Soviética declararam independência do bloco. O ápice deste processo se deu em 25 de dezembro de 1991, quando o ainda secretário geral soviético Gorbachev declarou oficialmente o fim da URSS e a independência de todas as Repúblicas da ex-Federação que ainda não tinham passado por processo de independência⁶.

O seguinte mapa evidencia como a Rússia “encolheu” de tamanho após o fim da URSS. Todos os países que pertenciam oficialmente à União Soviética, como a Ucrânia, Bielorrússia, Moldávia, Estônia, Letônia e Lituânia, bem como os que pertenciam apenas ao Pacto de Varsóvia mas que estavam sobre a direção direta de Moscou como Polônia, Alemanha Oriental, entre outros, tornaram-se independentes após 1991, causando um grande prejuízo geopolítico para a Rússia, como será demonstrado posteriormente.

Figura 1. *Evolução das fronteiras da Rússia.*



Fonte: Marshall, The Atlantic, 2015.

Com o fim da contenda internacional entre o bloco Socialista e o bloco Capitalista, muitos teóricos, principalmente liberais, acreditavam que o mundo se encaminharia para um

⁶ SEGRILLO, Angelo. *De Gorbachev a Putin: a saga da Rússia do Socialismo ao Capitalismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2015, p.70.

período de paz, expansão da democracia, e progressivo fim das guerras entre os Estados. Segundo a *Teoria da Paz Democrática*, Estados democráticos historicamente não se atacam, não entram em guerra entre si, privilegiam o estabelecimento de relações econômicas com benefício mútuo⁷. Francis Fukuyama defendia que o processo histórico chegou em seu ápice no fim da Guerra Fria, pois o Estado democrático de direito e de livre mercado havia se consolidado enquanto a única forma possível de governo, cuja expansão para a totalidade das nações seria questão de tempo. Infelizmente, a história e a geopolítica não se deram dessa forma nos últimos 25 anos.

“Captando com presciência o Zeitgeist, Francis Fukuyama, (...) havia publicado, poucos meses antes da queda do Muro, um artigo intitulado ‘O Fim da História’, no qual proclamava que, ainda que as guerras e rebeliões fossem prosseguir, a História no sentido hegeliano havia chegado a seu termo, visto que o êxito das democracias liberais capitalistas pusera fim à discussão acerca de que sistema de governo seria o melhor para a humanidade. Assim, seria tudo uma questão de moldar o mundo mais à nossa própria imagem – eventualmente, lançando mão, para isso, do poderio militar americano (...) Este, o primeiro ciclo intelectual da era pós-Guerra Fria, foi um tempo de ilusões”⁸.

Após o fim da Guerra Fria, os Estados Unidos se estabeleceram como única superpotência do Sistema Internacional de Estados e com uma grande assimetria militar, tecnológica e econômica em relação às outras potências. Neste cenário, os EUA traçaram, principalmente, dois objetivos estratégicos: a) impedir que as outras potências regionais do globo se elevem ao nível de superpotências; b) controlar o fluxo internacional de recursos energéticos, principalmente petróleo e gás⁹.

Tendo em vista seu objetivo de conter a emergência de outras potências regionais, os Estados Unidos decidem conter um possível futuro fortalecimento da Rússia, a partir da expansão de sua influência política e militar para os países que anteriormente pertenciam à cortina de ferro. Estes países nutriam, em diferentes níveis e contextos, um certo ressentimento quanto ao prevailecimento histórico da Rússia na região, especialmente durante a vigência da

⁷ MEARSHEIMER, John J. *The tragedy of great power politics*. WW Norton & Company: New York, 2014, p.16.

⁸ KAPLAN, Robert. *A vingança da geografia*. Elsevier editora: Rio de Janeiro, 2013, p.4.

⁹ MAZAT, Numa; SERRANO, Franklin. *A geopolítica da federação russa em relação aos Estados Unidos e à Europa: Vulnerabilidade, Cooperação e Conflito*. In: ALVES, André G. de M. P.; ADAM, Gabriel Pessin; MAZAT, Numa; POMERANZ, Lenina; SEGRILLO, Ângelo; SERRANO, Franklin. *O renascimento de uma potência? A Rússia no século XXI*. IPEA: Brasília, 2012, p.11.

União Soviética¹⁰. Portanto, os países ocidentais se aproveitaram do enfraquecimento político russo na região para expandir sua influência no leste da Europa e impedir que o país eurasiático voltasse a ser uma superpotência. Para tanto, uma das principais estratégias ocidentais foi a expansão da OTAN. Em 1999 entram na aliança atlântica a Hungria, Polônia e República Checa; em 2004 entram a Bulgária, Estônia, Lituânia, Letônia, Romênia, Eslováquia e Eslovênia; e em 2009 entram Croácia e Albânia. Todos estes eram países que antes formavam o Pacto de Varsóvia e, com o fim da URSS, vieram a entrar na OTAN. Conforme Bandeira:

“O presidente Bill Clinton, na linha do Defense Planning Guidance (DPG), violou os compromissos assumidos pelo presidente George H. W. Bush com o presidente Mikhail S. Gorbachev e expandiu a OTAN até as fronteiras da Rússia, incorporando Estados que antes pertenceram ao Bloco Socialista, tais como as ex-repúblicas soviéticas Estônia, Lituânia, e Letônia. Os Estados Unidos impuseram também sua preeminência nos Bálcãs, com o desmembramento da antiga Iugoslávia, encorajaram, nos países que antes integravam a União Soviética, as reformas para o estabelecimento da economia de mercado e de regimes democráticos, i.e., pró Ocidente, na Europa Oriental, e ocuparam o vacuum político descerrado pela débaclê da União Soviética, no Báltico, no Cáucaso e na Ásia Central”¹¹.

Isso quer dizer que o fim da Guerra Fria não representou o fim das tensões geopolíticas entre Estados Unidos e Rússia. Na realidade, representou sim um ganho de poder por parte dos norte-americanos na correlação de forças entre os dois países na década de 1990, através da expansão de suas instituições na zona de influência russa. Durante o governo de Yeltsin, devido as crises econômicas e a fragmentação nacional da URSS, a Rússia se viu impossibilitada de conter a perda de poder sobre a região que historicamente foi sua esfera de influência. Mas como a história é sempre um processo, sem um desfecho definitivo, a Rússia se transforma ao longo das décadas e passa a reequilibrar a correlação de forças com os EUA, principalmente a partir da década de 2010.

A Rússia depois do fim da União Soviética pode ser compreendida em duas fases. A primeira é marcada por um por uma política de colaboração com os Estados Unidos e os demais países ocidentais europeus, que ocorre sob o governo de Boris Yeltsin (1991-99). Seu objetivo era se integrar à economia capitalista internacional através de alianças com o Ocidente. Em

¹⁰ KALB, Marvin. *New Cold War*. Washington: Brookings, 2015, p.102.

¹¹ BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Segunda Guerra Fria*. Elsevier: São Paulo, 2013, p.55.

função deste projeto, Yeltsin subordinou a sua política externa à integração e “boa vizinhança” com a Europa Ocidental e os Estados Unidos. Esta é a razão pela qual ele limitou à diplomacia seus protestos contra a expansão da OTAN nos anos 1990.

“ (...) os protestos diplomáticos da Rússia contra os projetos de expansão da OTAN em relação a países da esfera de influência da ex URSS, quebrando promessas anteriores de que isto não ocorreria, não surtiram nenhum efeito. Curiosamente, isto não impediu os dirigentes russos de continuarem manifestando grande entusiasmo em relação à construção de relações fortes com o Ocidente até 1996. E, a rigor, mantiveram esta política de “cooperação” unilateral e sem contrapartidas com os Estados Unidos e a Europa até 1999”¹².

Na segunda fase, com a entrada de Vladimir Putin à presidência em 1999, o cenário começa a mudar. Após reestruturar o país economicamente e chegar à elevados níveis de popularidade, Putin começa a se opor categoricamente à expansão da influência Ocidental sobre seus países vizinhos, percebida como uma ameaça à segurança nacional.

“A chegada de Vladimir Putin ao poder e a recuperação econômica que se seguiu levaram ao abandono da estratégia de “colaboração” e a uma tentativa de recuperação do poder do Estado russo e também a consolidação de seu papel de potência regional ao longo dos anos 2000. Naturalmente, esta mudança de estratégia foi acompanhada pela volta das tensões nas relações entre a Rússia e os Estados Unidos, que mantêm suas tentativas de enfraquecimento do poder russo”¹⁵.

Portanto, desde a entrada de Putin na presidência, a Rússia vem tendo uma posição mais enfática na oposição à política externa norte-americana, principalmente no que se refere à expansão da OTAN até os países de suas fronteiras. Apesar de no início de seu mandato a Rússia haver cooperado em larga escala com os EUA na Guerra do Afeganistão e no combate em geral ao terrorismo, este cenário começou a mudar depois da Guerra do Iraque (2003). Isto se deve à não apenas um, mas vários motivos. Além de a Rússia não perceber a invasão norte-americana no Iraque como legítima, os EUA anunciaram uma nova rodada de expansão da OTAN em

¹² MAZAT, Numa; SERRANO, Franklin. A geopolítica da federação russa em relação aos Estados Unidos e à Europa: Vulnerabilidade, Cooperação e Conflito. In: ALVES, André G. de M. P.; ADAM, Gabriel Pessin; MAZAT, Numa; POMERANZ, Lenina; SEGRILLO, Ângelo; SERRANO, Franklin. *O renascimento de uma potência? A Rússia no século XXI*. IPEA: Brasília, 2012, p.12.

¹⁵ Idem, p.16.

2004, incluindo diversos países do leste-Europeu, entre eles Letônia, Estônia e Lituânia, que tem fronteira direta com a Rússia. Também neste ano, os EUA afirmaram sua intenção de construir um escudo antimíssil balístico na Polônia e República Tcheca, que teoricamente seria utilizado contra o Irã, mas poderia também muito bem ser usado contra a Rússia dada a proximidade entre os países. Estes eventos, somados às revoluções pró-Occidente em países aliados à Rússia (Geórgia em 2003 e Ucrânia em 2004) levaram Putin a ter cada vez mais uma percepção de ameaça quanto às intenções ocidentais na Europa¹³.

Isto fez com que Putin, na Conferência de Segurança de Munique (MSC) em 2007, fizesse um discurso que, segundo Segrillo, marcou uma drástica mudança na história da Rússia pós-Guerra Fria, particularmente em suas relações com o Ocidente. Nesta conferência, Putin expressou sua visão das relações internacionais contemporâneas, que compreendia haver uma unipolaridade no Sistema Internacional, hegemonizado pelos Estados Unidos e seus aliados ocidentais, e que cada vez mais desrespeitava as normas do direito internacional. Desde então, é notável o contínuo desenvolvimento de tensões políticas entre a Rússia e o Ocidente¹⁴.

O ocidentalismo puro de Boris Yeltsin e o ocidentalismo moderado de Vladimir Putin.

Angelo Segrillo argumenta que, após o fim da URSS, a Rússia deu um giro ocidentalista, passando a ter uma percepção simpática e de identidade em relação ao Ocidente. Isso se deu de forma mais acentuada durante o governo de Boris Yeltsin (1991-1999), até porque foi ele um dos principais ativistas nos últimos anos da União Soviética que arquitetou o fim do comunismo em prol de uma democracia de livre mercado. Segrillo classifica este período em que a Rússia pretendeu uma “parceria estratégica” com o Ocidente, durante os governos Yeltsin, enquanto um ocidentalismo *puro*¹⁵.

Para Segrillo, mesmo o período dos governos de Vladimir Putin (2000-2016) se classifica enquanto ocidentalista, todavia, *moderado*. Os governos de Putin devem ser entendidos enquanto ocidentalistas pois partem dos princípios básicos do Ocidente, como o livre mercado, eleições livres, entre outras características. Contudo, na percepção russa, o

¹³ SEGRILLO, Angelo. *De Gorbachev a Putin: a saga da Rússia do Socialismo ao Capitalismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2015, p.186.

¹⁴ Idem, p.192.

¹⁵ SEGRILLO, Angello. A política externa russa pós-Guerra Fria em relação ao Ocidente: uma leitura histórica. In: OKUNEMA, Liudmila; PAVLOVA, Elena; DO CARMO, Corival Alves; ZHEBIT, Alexander; ADAM, Gabriel; RUDZIT, Gunther; MOROZOV, Viatcheslav; HAGE, José Alexandre; SILVA, Matheus Passos. *A Rússia: Desafios presentes e futuros*. Juruá Editora: Curitiba, 2010, p.64.

Ocidente, e em particular os Estados Unidos, vieram desrespeitando a soberania e o poder da Rússia em diversas oportunidades desde o fim da Guerra Fria, principalmente com a expansão da OTAN até os países de sua fronteira. Este é o motivo da resistência russa aos desígnios da política externa ocidental: ações defensivas em relação aos ataques norte-americanos à sua esfera de influência. Ou seja, os conflitos entre Rússia e Estados Unidos nos últimos anos se deram por questões *pragmáticas* de relações internacionais e geopolítica, e não em função de um antiocidentalismo russo *a priori*. Como Yeltsin não reagia à expansão de poder ocidental sobre a esfera de influência russa, Segrillo o classifica como um ocidentalista *puro*. Já Putin, que faz um enfrentamento com o Ocidente quanto aos seus interesses nacionais, seria um ocidentalismo *moderado*. O que os une, de fato, é a adesão aos princípios ocidentais¹⁶.

Segundo o historiador, existem atualmente três tendências ideológicas em disputa no país: o *Ocidentalismo*, *Eslavofilismo* e *Eurasianismo*. Estas tendências ideológicas se formaram desde antes do século XIX mas, para Segrillo, os debates levantados por elas voltaram à tona com o fim da União Soviética.

“As relações com o Ocidente no período pós-guerra fria não se iniciaram do nada, como tabula rasa. Partiram de uma série de experiências e Weltanschauungen acumuladas pelo país eslavo em suas interações com as terras mais a Oeste desde séculos atrás que informam e, por vezes, formatam suas formas de convivência atuais”²⁰.

O debate dentro da Rússia quanto a de que forma este vai se relacionar com os países ocidentais, particularmente com os da Europa, se dá de forma paralela com o debate sobre qual é a verdadeira identidade russa: ocidental ou oriental, europeia ou asiática. Uma das primeiras manifestações desta polêmica se dá com as reformas modernizantes e ocidentalizantes de Pedro, o Grande, no fim do século XVII e início do XVIII. Com as reformas do czar Pedro, houve uma substituição das tecnológicas arcaicas e as velhas técnicas rudimentares russas por novas mais sofisticadas advindas do Ocidente. Estas reformas técnicas acompanharam também a transformação, de forma impositiva, de velhos hábitos e tradições. Um exemplo interessante foi a criação de impostos sobre a barba, estipulado pelo czar como forma de mudar o hábito eslavo

¹⁶ SEGRILLO, Angello. A política externa russa pós-Guerra Fria em relação ao Ocidente: uma leitura histórica. In: OKUNEMA, Liudmila; PAVLOVA, Elena; DO CARMO, Corival Alves; ZHEBIT, Alexander; ADAM, Gabriel; RUDZIT, Gunther; MOROZOV, Viatcheslav; HAGE, José Alexandre; SILVA, Matheus Passos. *A Rússia: Desafios presentes e futuros*. Juruá Editora: Curitiba, 2010, p.64. ²⁰ Idem, p.58.

de deixar as barbas crescerem, algo considerado pouco “civilizado” pelos países europeus ocidentais¹⁷.

A partir de então, se desenharam duas tendências ideológicas na Rússia que disputaram influência até o século XIX: o *ocidentalismo*, favorável às reformas “modernizantes” e da aproximação com a Europa Ocidental em função de haver uma única identidade europeia, a qual a Rússia pertenceria; e uma outra, oposta a este processo de modernização e aproximação com o Ocidente, denominada *eslavofilismo*, que acreditava que a Rússia possuía uma identidade própria, eslava, que era antagônica à identidade europeia. Apesar de muitos entenderem, na época, que os ocidentistas defendiam o progresso e a modernização da Rússia, enquanto os eslavófilos a tradição e o arcaísmo, não foi bem assim¹⁸. Muitos eslavófilos defenderam a lei de emancipação dos servos (1861) e eram contrários a restrição da liberdade de opinião¹⁹.

Na década de 20, após a Revolução Bolchevique de 1917, uma nova tendência ideológica acerca da identidade russa surge: o *eurasianismo*. Os teóricos que constituíram esta tendência reivindicavam a dupla dimensão da Rússia enquanto país europeu e asiático, devido tanto à sua localização geográfica quanto pelas diferentes nacionalidades que habitavam o país. Apesar de discordarem do antieuropeísmo dos eslavófilos, os eurasianos estavam mais próximo destes do que dos ocidentistas, pelo fato de que a tendência de privilegiar exclusivamente a Europa em detrimento da Ásia era tradicionalmente mais forte. Este movimento surgiu abruptamente nos anos 20 e foi praticamente extinguido nos anos 30, devido ao cerceamento da liberdade de opinião levada a cabo pelos anos mais duros do estalinismo²⁴.

Contudo, a ideologia eurasianista volta à tona após a perestroika, na década de 1990. O primeiro grande defensor deste *neoeurasianismo* foi o etnólogo soviético Lev Gumilev, que via a tendência ocidentalista russa representada por Gorbachev e depois por Yeltsin um perigo para a união de diferentes nacionalidades que marcou historicamente a formação da Rússia. Suas ideias se popularizaram não apenas na Rússia, mas também nos países que antes pertenciam à

¹⁷ Idem, p.58

¹⁸ Esta resistência tradicional russa contra o processo de modernização em curso na Rússia a partir do século XVII lembra a situação da classe trabalhadora inglesa do século XVIII descrita por Edward Thompson, no livro *Costumes em comum*, onde afirma que os trabalhadores criaram uma espécie de conservadorismo dos costumes como forma de se opor as mudanças no trabalho e na cultura que as elites modernizantes passaram a exercer na sociedade inglesa. Certamente são dois países muito diferentes e deve ser tomada a devida proporção nesta analogia, contudo, o abraço ao tradicionalismo cultural tanto na Rússia quanto na Inglaterra como forma de resistir ao avanço da nova disciplina do trabalho e das relações sociais modernas reforça o argumento de Segrillo que não colocava o ocidentalismo como força progressiva e o eslavofilismo como força reacionária.

¹⁹ SEGRILLO, Angello. A política externa russa pós-Guerra Fria em relação ao Ocidente: uma leitura histórica. In: OKUNEMA, Liudmila; PAVLOVA, Elena; DO CARMO, Corival Alves; ZHEBIT, Alexander; ADAM, Gabriel; RUDZIT, Gunther; MOROZOV, Viatcheslav; HAGE, José Alexandre; SILVA, Matheus Passos. *A Rússia: Desafios presentes e futuros*. Juruá Editora: Curitiba, 2010, p.60. ²⁴ Idem, p.60.

União Soviética. O presidente do Cazaquistão, Nursultan Nazarbaev, criou a Universidade Eurasiana Lev Gumilev em homenagem ao etnólogo russo. Nas últimas décadas, o eurasianismo vem crescendo significativamente, impulsionado pelo professor da Universidade de Moscou e intelectual muito próximo à Putin, Aleksandr Dugin.

“Nos anos 90 e 2000, o pensador Aleksandr Dugin levou adiante, com um viés mais radicalmente antiocidental e antiliberal, as ideias neoeurasianistas, introduzindo-as formal e institucionalmente na política com a fundação do Partido ‘Eurásia’ na Rússia em 2002 e do Movimento Eurasiano Internacional em diversos países em 2003”²⁰.

Durante a Guerra Fria, a ideologia socialista abafou o debate acerca da “verdadeira” identidade russa e a relação que o país iria levar com o Ocidente. Isso se deu, fundamentalmente, pelo fato de que o Ocidente era o grande inimigo político, econômico e geopolítico da União Soviética e, por consequência, a relação com os países ocidentais deveria ser necessariamente de certa distância e conflito. Contudo, após o fim da URSS, estes debates ideológicos pré-Revolução de 1917 reaparecem sob novas formas para responder à questão de que tipo de relação a Rússia passaria a estabelecer com o Ocidente: de distância, aliança, ou aproximação cautelosa.

Ao olharmos para a história da Rússia no pós-Guerra Fria, esta se subdivide em dois “blocos”: por um lado, o período Yeltsin, que vai de 1991 a 1999; e por outro o período Putin, que vai de 2000 até 2016. Para compreender a percepção russa do Ocidente em cada um desses blocos, os conceitos elencados por Segrillo demonstram bastante relevância. Segundo o autor, o período de governo em que Yeltsin esteve no governo demonstrou uma percepção ocidentalista *pura*, em que ocorreu grande aproximação política, econômica e institucional com os países ocidentais.

“Não apenas ajudou a dismantelar a União Soviética em prol de um regime mais afim com as democracias capitalistas liberais do Ocidente, como, no plano externo, também buscou uma sensível aproximação com o Ocidente nos anos 90, saindo do isolamento belicoso da URSS em relação a este”²⁶.

²⁰ SEGRILLO, Angello. A política externa russa pós-Guerra Fria em relação ao Ocidente: uma leitura histórica. In: OKUNEMA, Liudmila; PAVLOVA, Elena; DO CARMO, Corival Alves; ZHEBIT, Alexander; ADAM, Gabriel; RUDZIT, Gunther; MOROZOV, Viatcheslav; HAGE, José Alexandre; SILVA, Matheus Passos. *A Rússia: Desafios presentes e futuros*. Juruá Editora: Curitiba, 2010, p.61. ²⁶ Idem, p.63.

Apesar de ser praticamente um consenso a caracterização de Yeltsin enquanto um ocidentalista, existe bastante polêmica em torno da figura de Putin. Alguns o classificam enquanto um *eslavófilo* por, entre outras coisas, substituir o modelo de democracia liberal levado a cabo por Yeltsin por um modelo de Estado forte e centralizador. Outros o classificam enquanto *eurasianista* pelas homenagens feitas pelo presidente à Lev Gumilev, seu contato próximo com o professor Aleksander Dugin, e a aproximação da Rússia com os antigos países que pertenciam a União Soviética na Ásia Central. Há também quem o classifique enquanto *ocidentalista* pelo fato de Putin elogiar o papel de Pedro, o Grande e defender uma aproximação maior da Rússia com os países europeus ocidentais. Segrillo o enxerga a partir desta última percepção, mas com ressalvas.

“Putin era uma um ocidentalista moderado. Isso permite colocá-lo em certo contraste com Yeltsin, que era um ocidentalista mais explícito, sem os tirar de um mesmo campo geral. Putin é um ocidentalista moderado porque parte de posições básicas ocidentalistas, mas também é um político pragmático e um *gosudarstvennik* (defensor de um Estado forte). Essas duas características extras fazem com que ele defenda os interesses nacionais russos de uma maneira pragmática. Não é que ele seja antiocidental a priori (ao contrário), mas se países do Ocidente procurarem subjugar, de maneira que considerem inadequada, os interesses do Estado russo, Putin, agora senhor de um país economicamente mais fortalecido que a enfraquecida Rússia yeltsiniana dos anos 90, se oporá firmemente. É importante entender essas nuances.”²¹

Os diversos casos de cooperação entre Rússia e Estados Unidos durante a era Putin, como no caso da Guerra do Afeganistão (2001), no combate ao terrorismo, na mediação para interromper o armamento nuclear do Irã, entre outros, demonstram a impossibilidade de Putin ser de fato um eurasião ou eslavófilo, pois o anti-ocidentalismo está no cerne destes dois movimentos. Nesse sentido, os diversos episódios de atrito entre a Rússia e o Ocidente durante a era Putin não devem ser compreendidos enquanto manifestações do antiocidentalismo do presidente, mas enquanto respostas às ações norte-americanas e dos países da Europa Ocidental contrários aos interesses nacionais russos, como o avanço da OTAN, o escudo antimísil

²¹ SEGRILLO, Angello. A política externa russa pós-Guerra Fria em relação ao Ocidente: uma leitura histórica. In: OKUNEMA, Liudmila; PAVLOVA, Elena; DO CARMO, Corival Alves; ZHEBIT, Alexander; ADAM, Gabriel; RUDZIT, Gunther; MOROZOV, Viatcheslav; HAGE, José Alexandre; SILVA, Matheus Passos. *A Rússia: Desafios presentes e futuros*. Juruá Editora: Curitiba, 2010, p.65.

balístico na Polônia e República Checa, as revoluções coloridas na esfera de influência russa, entre outros.

“(...) os episódios em que a Rússia de Putin teve uma resposta mais acerba ao Ocidente parecem ter sido resultados não de um posicionamento antiocidental a priori, mas sim de uma posição de defesa de um estadista forte quando entendeu que seu país estava sendo injustamente colocado sob cerco por nações que, por acaso, pertenciam ao campo ocidental (os planos para o escudo antimísil de Bush, as críticas ao comportamento russo em seu *near abroad* [Ucrânia, Geórgia] ou a sua política interna em relação à Chechênia ou a seus acordos de trocas comerciais/militares com o Irã e Venezuela etc.)”²².

Nova Guerra Fria

Em 2008, frente à guerra da Geórgia e a retórica de antagonismo contra os EUA proferida por Vladimir Putin, o jornalista americano Edward Lucas, editor sênior da revista *The Economist*, sugeriu que vivemos uma “nova Guerra Fria”²³. Apesar do slogan propagado por Lucas na ocasião ter repercutido com relevância no debate público, a substituição de Putin por Medvedev (2008) e de Bush por Obama (2009) fez com que a ideia de que o mundo vive uma nova Guerra Fria perdesse seu impacto inicial, dado o destensionamento na relação entre os dois países que ocorre no começo do mandato dos dois presidentes mencionados. Contudo, a Guerra da Ucrânia (2014) voltou a tensionar a relação entre Rússia e Ocidente, desta vez no maior nível desde o fim da Guerra Fria. Após o presidente ucraniano pró-russo Viktor Yanukovich ter sido deposto após uma série de manifestações nacionalistas na parte ocidental da Ucrânia, na parte oriental do país irrompem manifestações contra a deposição do presidente, que na visão desta parte da população tinha sido um *coup d’Etat* (golpe de Estado) ao invés de uma revolução. Imediatamente, a Rússia passa a apoiar os rebeldes do leste ucraniano enquanto os países ocidentais passam a apoiar o governo de transição instalado pelos “revolucionários” nacionalistas de Kiev. Pouco depois da consumação da queda de Yanukovich, Putin decide invadir militarmente e anexar a península da Crimeia à Rússia. Como resposta, os Estados

²² SEGRILLO, Angello. A política externa russa pós-Guerra Fria em relação ao Ocidente: uma leitura histórica. In: OKUNEMA, Liudmila; PAVLOVA, Elena; DO CARMO, Corival Alves; ZHEBIT, Alexander; ADAM, Gabriel; RUDZIT, Gunther; MOROZOV, Viatcheslav; HAGE, José Alexandre; SILVA, Matheus Passos. *A Rússia: Desafios presentes e futuros*. Juruá Editora: Curitiba, 2010, p.67.

²³ LUCAS, Edward. *The new Cold War: Putin's Russia and the threat to the West*. Macmillan, 2014, p.10.

Unidos, com o apoio das potências ocidentais, infligem sanções econômicas contra a Rússia no intuito de dissuadir Putin de permanecer na Crimeia. Enquanto isso, os rebeldes do leste da Ucrânia apoiados pela Rússia combatem os nacionalistas da porção ocidental do país, levando à milhares de mortes em poucos meses. Frente à este cenário, em 2014, o último secretário geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), Mikhail Gorbachev, anuncia que o mundo vive uma “nova Guerra Fria”²⁴. Em contrapartida, ao anunciar sanções econômicas contra a Rússia em julho do mesmo ano, Barak Obama afirmou que esta não era uma nova Guerra Fria²⁵. Contudo, dois anos depois, dia 13 de fevereiro de 2016 na Conferência de Segurança de Munique, o Primeiro Ministro Russo Dmitri Medvedev torna a afirmar que as relações entre a Rússia e o Ocidente se encaminham para uma “nova Guerra Fria”²⁶.

Após a guerra da Ucrânia (2014), não apenas jornalistas e políticos passaram a utilizar este conceito para descrever as atuais relações entre Rússia e Ocidente. Robert Legvold, estudioso da história da União Soviética e da Rússia contemporânea, escreveu um artigo para a revista *Foreign Affairs* em julho de 2014, em que afirma ser correto o termo “nova Guerra Fria” para compreender os atuais conflitos entre as grandes potências decorridos da guerra da Ucrânia. No seu entender, diferentemente da forma positiva como a situação se desenrolou após a guerra da Geórgia (2008), desta vez, as relações entre Rússia e Ocidente não iriam se normalizar rapidamente. A anexação russa da Crimeia e as retaliações ocidentais em forma de sanção econômica contra Putin acirraram de forma significativa os tensionamentos geopolíticos entre os países²⁷.

Contudo, para Legvold, é um erro acreditar que vive-se hoje uma repetição do cenário da velha Guerra Fria. Tanto a correlação de forças quanto os atores mudaram significativamente. Contudo, as questões mal resolvidas entre a Rússia e o Ocidente, como o limite da expansão da OTAN e União Europeia nos países da esfera de influência russa, voltaram a tornar as potências adversárias concretas na política internacional após os eventos ocorridas na Ucrânia em 2014. E as suas implicações tem grande dimensão, inclusive no restante do Sistema Internacional.

²⁴ ‘Estamos à beira de nova Guerra Fria’, diz Mikhail Gorbachev. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141108_gorbachev_guerra_fria_rb

²⁵ BLACK, J.L.; JONES, Michael. *The return of the Cold War: Ukraine, the West and Russia*. Routledge: New York, 2016, p.23.

²⁶ *What happened at the Munich Security Conference?* Disponível em: <https://www.securityconference.de/en/news/article/what-happened-at-the-munich-security-conference/> Acesso em 15 de maio 2016.

²⁷ LEGVOLD, Robert. *Managing the New Cold War: What Moscow and Washington can learn from the last one*. *Foreign Affairs*, July/August, 2014.

“Even though the new cold war is not going to be as destroying as the last one, it will be damaging. It will escalate the security crisis in the center of Europe, which could bring back the nuclear risk. Even though the world is not bipolar as it was in the past, with strong players as China and India avoiding to be drawn to it, it will affect important dimensions of the international system”²⁸.

De acordo com Legvold, existem cinco fatores que podem ser constatados na realidade atual e que remetem a problemas similares aos que existiam na relação entre Rússia e Ocidente durante a Guerra Fria. Em primeiro lugar, há um aumento significativo da retórica de antagonismo entre as potências, acusando uns aos outros de representarem ameaças às suas seguranças nacionais. Em segundo lugar, cada lado culpa o outro de forma unilateral e absoluta quanto aos conflitos existentes entre ambos. Não há meio termo ou autocrítica. Em terceiro, não há, atualmente, nenhuma expectativa de melhora na relação entre as potências. Apesar de sempre haver a possibilidade de cooperação mútua de forma isolada, não há no horizonte a possibilidade de que estas iniciativas rompam com a marginalidade e se desenvolvam e cooperações mais longevas. Em quarto, as sanções econômicas aplicadas contra a Rússia pelo Ocidente vêm eliminando cada vez mais os espaços de negociação entre a Rússia e os países ocidentais, além de enfraquecer sua integração à médio e longo prazo³⁵.

Em quinto lugar, e mais importante, a desestabilização da Europa central e do leste que se intensificou qualitativamente após a guerra civil da Ucrânia em 2014 remete diretamente às tensões entre Europa Ocidental e Oriental durante a velha Guerra Fria que ocorria no centro europeu, na fronteira da *cortina de ferro*. Como foi demonstrado anteriormente, era na Europa Central, e particularmente na linha divisória entre Alemanha ocidental e oriental, que ficava o limite entre os blocos durante a contenda internacional entre EUA e URSS no século XX. Contudo, agora este limite se expandiu significativamente para o leste, chegando até as fronteiras da Rússia. A entrada dos países que antes eram repúblicas da União Soviética ou participavam do Pacto de Varsóvia dentro da organização militar ocidental diminuiu significativamente o poder russo na correlação de forças com o Ocidente. Ao passo que a Rússia se fortalece economicamente e politicamente na era Putin, o país volta a reivindicar sua predominância histórica na região.

²⁸ LEGVOLD, Robert. *Managing the New Cold War: What Moscow and Washington can learn from the last one*. Foreign Affairs, July/August, 2014. ³⁵ Idem.

As consequências desta nova disputa por influência na Europa entre Rússia e Ocidente, para Legvold, desembocará em grande desestabilização do Sistema Internacional. Apesar da repercussão da nova Guerra Fria ser significativamente menor do que da velha, seus ecos serão sentidos em diversas dimensões das questões securitárias contemporâneas.

“Because of the attention USA is spending in Europe, Japan is worried Americans don’t focus in Asia-Pacific problems. Moreover, just as Russia has taken Crimea, Japan is afraid that China may advance to Senkaku Islands. Beyond that, USA can no more expect Russian cooperation for problems like terrorism, climate change, nuclear weapons and cyberwarfare. (...) The problems with Russia in eastern Europe will divert American efforts on counterterrorism and securing access to the seas that surround China, because they will have to spend more money preparing for a hypothetical ground war in Europe”²⁹.

Apesar de Legvold, em certa medida, compreender uma responsabilidade mútua da Rússia e dos países ocidentais na escalada de tensões que chegou à um nível perigoso com a guerra civil da Ucrânia, Marvin Kalb se mostra muito mais unilateral em sua compreensão das causas do atual conflito europeu. Assim como Legvold, Kalb adota o termo “nova Guerra Fria” para descrever o status das atuais relações Rússia-Ocidente após o conflito ucraniano. Contudo, Kalb enxerga como legítima a expansão da OTAN e da União Europeia para a antiga esfera de influência russa. No seu entender, é um direito democrático de cada país, de forma soberana, escolher o arco de alianças sob o qual ele vai pertencer. Segundo ele, não haviam garantias de que a OTAN não iria se expandir para além da cortina de ferro no acordo de dissolução do Pacto de Varsóvia estabelecido entre Gorbachev e Bush. Portanto, nenhuma negociação prévia foi desrespeitada³⁰.

Para Kalb, o atual conflito entre Ocidente e Rússia se dá fundamentalmente em função da megalomania de Vladimir Putin, que se enxerga enquanto um “novo czar” (da linha de Ivan, o Terrível; Pedro, o Grande; e Joseph Stalin), herdeiro da tradição histórica que mira formar um Império russo. Contudo, essa atitude é irracional mesmo do ponto de vista imperialista, pois a Rússia contemporânea é muito mais débil economicamente e militarmente do que na época da Guerra Fria.

²⁹ LEGVOLD, Robert. *Managing the New Cold War: What Moscow and Washington can learn from the last one*. Foreign Affairs, July/August, 2014.

³⁰ KALB, Marvin. *New Cold War*. Washington: Brookings, 2015, p.224.

“He has bought into the myth that Russia is again a superpower, as it was during Soviet times - a superpower armed with nuclear weapons, natural resources, and a talented people, deserving honor and respect and a backyard sphere of influence that would include the Slavic states of Ukraine and Belarus and the Islamic states of Azerbaijan, Kazakhstan, Kyrgyzstan, and Uzbekistan - all former republics of the Soviet Union³¹”.

Para Kalb, o sentido da guerra civil da Ucrânia em 2014 é o mesmo da guerra da Geórgia em 2008: formar um novo acordo de Yalta, que determine claramente a distinção zona de influência russa e a ocidental, interditando a expansão de ambos para além dessa fronteira. Ou seja, na visão do autor, Putin quer invalidar os acordos de paz ocorridos entre a URSS e os EUA e recuperar o antigo poder soviético sobre sua esfera regional de influência. A atuação russa na Ucrânia foi um caminho para chegar à este objetivo.

“His short-term goal unfolds in waves of deceptive cease-fires and bloody violence in the southeast corner of Ukraine, a neighbor that for centuries was part of Russian empire, and his long-term goal, which focuses on a new Yalta-type rearrangement of European power, including the dismantling of NATO, is only now beginning to unfold”³².

Contudo, em nosso entender, o termo “nova Guerra Fria” tem mais a contribuir do ponto de vista jornalístico e político do que acadêmico, pois não explica objetivamente o atual conflito entre as potências. Como mostra Raymond Aron³³, a Guerra Fria é um conflito marcado por um lado pela bipolaridade do Sistema Internacional dividido entre Estados Unidos e União Soviética; e por outro pelo conflito ideológico entre Capitalismo e Socialismo. Posto que o Sistema Internacional de Estados do século XXI é multipolar³⁴ e que a Rússia contemporânea não tem nada de anticapitalista, a utilização do termo “nova Guerra Fria” mostra-se anacrônico e induz a caracterizações equivocadas da realidade.

Apesar disso, é majoritária entre os pesquisadores a opinião de que a Rússia da era Putin se caracteriza por um conceito defensivo de política externa em relação ao Ocidente, que mira sua projeção enquanto potência global³⁵. E que esta postura vem esbarrando com o

³¹ KALB, Marvin. *New Cold War*. Washington: Brookings, 2015, p.225.

³² Idem, p.228.

³³ ARON, Raymond. *Paz e guerra entre as nações*. UNB/IPRI, 2002, p.551.

³⁴ MEARSHEIMER, John J. *The tragedy of great power politics*. WW Norton & Company: New York, 2004, p.360.

³⁵ SOUZA, Bruno Mendelski de; MACHADO, Lauren. *A política externa e a atuação russa no Conselho de Segurança das Nações Unidas de 1991-2014*. Revista de Geopolítica 6.1 (2015): 46-64, p.103.

“triumfalismo” ocidental pós-Guerra Fria, que imaginou poder permanentemente expandir sua influência política, militar e econômica na esfera de influência da Rússia, desconsiderando que este país ainda era uma “grande potência”, objetivamente capaz de resistir à esta investida uma vez recuperada da crise que foi a desintegração da URSS³⁶.

Mas se o que ocorre hoje não é de fato uma nova Guerra Fria, o que está acontecendo nas relações entre Rússia e Ocidente? O que representa a escalada de tensões geopolíticas entre as potências, sem precedentes desde o fim da União Soviética, que ocorreu após a Guerra da Ucrânia (2014)? Por que a Rússia de Putin insiste em recuperar seu poder perdido após o fim da URSS? Para responder a esta pergunta, é importante compreender qual a percepção russa sobre o Ocidente durante a era Putin. Segrillo afirmou, como foi demonstrado anteriormente, que a era Putin demonstra ser de um ocidentalismo *moderado*, em que os conflitos geopolíticos representam o principal entrave para o avanço da cooperação entre as potências, ao invés de um antiocidentalismo *a priori*. Esta hipótese é importante pois “chama a atenção que, dadas as condições favoráveis e amistosas, a Rússia tenderá a cooperar com o Ocidente (o que já não seria tão certo se este influente líder russo fosse eslavófilo ou mesmo eurasianista)”³⁷.

Todavia, estas “condições favoráveis” foram significativamente deterioradas após a Guerra da Ucrânia (2014), levando analistas e representantes de Estado a afirmarem que vivese uma nova Guerra Fria entre Rússia e Ocidente. Portanto, a problemática que a monografia pretende responder é: a caracterização da percepção russa sobre o Ocidente na era Putin como um ocidentalismo moderado permanece válida após a Guerra da Ucrânia (2014)?

Afim de avançar na tentativa de responder à esta pergunta, decidiu-se analisar e comparar os discursos da Rússia nas Conferências de Segurança de Munique (MSC) de 2007, 2015, e 2016. Longe de acreditar que o que discursa a diplomacia russa nestas conferências expressam *ipsis literis* a percepção russa do Ocidente e da política internacional, as MSC se tornaram nos últimos anos um importante fórum de debate quanto aos grandes temas de segurança internacional. Isto é relevante pois a conferência permite aos países se utilizarem de uma retórica que certamente terá repercussão na mídia internacional e, portanto, na política internacional. Um exemplo paradigmático é o próprio discurso de Vladimir Putin na MSC 2007 que será analisado na presente monografia. Diversos autores de diferentes áreas, como

³⁶ MEARSHEIMER, John J. *The tragedy of great power politics*. WW Norton & Company: New York, 2004, p.360.

³⁷ SEGRILLO, Angello. A política externa russa pós-Guerra Fria em relação ao Ocidente: uma leitura histórica. In: OKUNEMA, Liudmila; PAVLOVA, Elena; DO CARMO, Corival Alves; ZHEBIT, Alexander; ADAM, Gabriel; RUDZIT, Gunther; MOROZOV, Viatcheslav; HAGE, José Alexandre; SILVA, Matheus Passos. *A Rússia: Desafios presentes e futuros*. Juruá Editora: Curitiba, 2010, p.71.

Immanuel Wallerstein, Angelo Segrillo, Moniz Bandeira, Eduard Lucas, Marvin Kalb, entre outros, consideram este discurso enquanto um divisor de águas na relação entre a Rússia e o Ocidente, que foi o princípio de um período de acirramento no antagonismo entre os países.

É preciso, portanto, explicar por que decidiu-se comparar o discurso de Putin em 2007 com o de Lavrov e de Medvedev em 2015 e 2016. Durante a década de 2000, diversos eventos na política internacional levaram à um aumento de tensões entre Rússia e Ocidente, culminando no discurso de Vladimir Putin na MSC 2007 em que o chefe de estado russo denunciou a unipolaridade e a falta de democracia do Sistema Internacional pós-Guerra Fria. Contudo, em diversos momentos no discurso Putin afirmou que o Ocidente e a Rússia são amigos, e não há nada que o faça duvidar disso. Portanto, pode-se afirmar que há uma dupladimensão em seu discurso, em parte conflitivo e em parte cooperativo. Angelo Segrillo escreve em 2010 que a Rússia da era Putin não se caracteriza enquanto um antiocidentalismo *a priori*, e que todos estes eventos conflituosos entre as potências decorrem de disputa geopolíticas pragmáticas. Portanto, a hipótese de Segrillo explica esta dupla dimensão do discurso de Putin.

Contudo, os anos de 2014 e 2015 significaram um ponto de virada no aumento de tensões entre as potências que já ocorriam há anos, principalmente em função da Guerra da Ucrânia. Ao analisar os discursos russos na MSC 2015, proferido por Sergei Lavrov, e em 2016 por Dmitri Medvedev, percebe-se de fato um aumento significativo da retórica russa de antagonismo com o Ocidente em relação à 2007. O que era insinuado por Putin e dito as vezes indiretamente naquele ano, a partir de 2015 foi escancarado, e a denúncia contra os desrespeitos ao direito internacional cometido pelos Estados Unidos e seus aliados cada vez mais forte. Chegou-se ao ponto de, em 2016, o próprio primeiro ministro russo Medvedev afirmar que o mundo entrava em uma nova Guerra Fria. Contudo, mais uma vez, em nenhum dos dois casos é colocado que existe um antagonismo *a priori* entre as potências, mas sim que existem possibilidades reais de cooperação e solução dos conflitos atuais de forma mútua.

Portanto, consideramos que a hipótese de Segrillo, que enxerga Putin como um ocidentalista moderado permanece válida após os últimos dois anos, ajudando a explicar a dupla-dimensão (conflitiva e cooperativa) apresentada pelos representantes russos nas Conferências de Segurança de Munique tanto em 2007 quanto em 2015 e 2016. Isto porque, em todos estes discursos, não se percebe um antagonismo essencial, como o era nos tempos da União Soviética, cujo enfrentamento entre Socialismo e Capitalismo criava impossibilidades essenciais de uma cooperação *strictu sensu*. Esse tipo de antagonismo não se evidencia nos discursos analisados: as afinidades entre Rússia e Ocidente são sempre enfatizadas. O que

explica a elevação do nível retórico de antagonismo entre as potências são justamente os conflitos políticos e geopolíticos pragmáticos, como a disputa pela influência na Ucrânia. Portanto, o acirramento de tensões políticas entre a Rússia e o Ocidente, sem perder de vista a necessidade de cooperação, reforça o argumento de Segrillo de que não há um antiocidentalismo *a priori* na era Putin, mas que na medida em que os conflitos geopolíticos aumentam, a dimensão conflitiva da percepção russa sobre o Ocidente aumenta em detrimento da dimensão cooperativa.

Para demonstrar a hipótese da monografia, cada capítulo tem dois objetivos fundamentais: 1) narrar o desenvolvimento dos conflitos geopolíticos entre a Rússia e o Ocidente; 2) analisar o discurso dos representantes russos nas Conferências de Segurança de Munique tendo em vista estes conflitos geopolíticos e a hipótese de Segrillo que entende Putin como um ocidentalista *moderado*. No primeiro capítulo será feita uma análise histórica da Rússia pós-Guerra Fria até o fim do segundo mandato presidencial de Vladimir Putin em 2007, demonstrando a existência de dois blocos históricos no período: a era Yeltsin e a era Putin. Para tanto, é feita uma análise da política russa do ponto de vista interno, como também dos principais momentos na relação entre a Rússia e o Ocidente. Por fim, será apresentada uma análise do discurso de Putin na MSC 2007 à luz dos acontecimentos anteriores ao discurso e que o influenciaram.

O segundo capítulo terá uma forma semelhante ao primeiro. Será narrada a história da Rússia do ano em que Medvedev assume a presidência (2008) até a metade do terceiro mandato de Putin na presidência da Rússia. Serão apresentados os principais pontos de tensão entre a Rússia e Ocidente durante esses anos, bem como os fatores internos à política russa que levaram à este cenário. Finalmente, serão apresentados os discursos de Lavrov em 2015 e Medvedev em 2016 nas MSCs à luz dos eventos narrados anteriormente e da caracterização da conjuntura mundial presente nos relatórios da MSC. Após os dois capítulos, a conclusão apresentará um balanço comparativo entre os discursos e o desenvolvimento histórico da Rússia em sua relação com o Ocidente, afim de demonstrar a validade da hipótese de Segrillo quanto ao ocidentalismo *moderado* de Putin.

1 CAPÍTULO 1: A RÚSSIA PÓS-GUERRA FRIA E O DISCURSO DE PUTIN NA CONFERÊNCIA DE SEGURANÇA DE MUNIQUE 2007

O objetivo do seguinte capítulo é analisar o discurso de Vladimir Putin na 42ª Conferência de Segurança de Munique, em 2007, afim de compreender qual é a sua percepção do Ocidente expressa no discurso. Portanto, antes de adentrar na discussão sobre a fonte da pesquisa, é preciso retomar as seguintes questões: As duas eras da Rússia pós-Sovietica: Yeltsin e Putin; O Primeiro mandato de Vladimir Putin (2000-2003) e as Guerras do Afeganistão e Iraque; A expansão da OTAN, a freedom agenda de George W. Bush e o segundo mandato de Vladimir Putin (2004-2007).

1.1 As duas eras da Rússia pós-Soviética: Yeltsin e Putin

A bibliografia recente sobre a história da Rússia pós-soviética sugere que esta se subdivide em dois períodos distintos, com grandes diferenças econômicas, políticas e ideológicas entre si: a era Yeltsin (1991-1999) e a era Putin (2000-2016). Optou-se por utilizar a divisão estabelecida por Angelo Segrillo na obra *Gorbachev a Putin*³⁸ pois, apesar de a perspectiva sob a qual o autor observa a história recente da Rússia parta das transformações econômicas do país, é notável que estas acompanham por sua vez as transformações em termos de política internacional, de forma que a cronologia estabelecida por Segrillo é adequada aos objetivos da presente pesquisa.

Yeltsin

A primeira fase da Rússia pós-Soviética vai do fim da URSS (1991) até a renúncia de Boris Yeltsin no fim de seu segundo mandato como presidente (1999). Este período foi marcado por uma grave crise econômica advinda da época da *perestroika* de Mikhail Gorbachev e estendida com a *terapia de choque* liberal de Yegor Gaidar, que não conseguiu reverter a recessão econômica que assolava o país desde o fim da década de 1980⁴⁶. Contudo, a manutenção da crise não foi a única consequência negativa da terapia de choque. Um dos eixos do projeto de Gaidar era a *privatizatsiya*, ou a privatização das ricas empresas estatais soviéticas. “Em 1993 acelerou-se o processo de venda das grandes empresas através da troca por ações dos 144 milhões de cupons distribuídos a população. (...) Entretanto, estes números não devem esconder o fato de que o poder decisório real sobre estas empresas acabou se concentrando realmente num ‘punhado de bilionários’ em vez dos ‘milhões de proprietários’”³⁹. Este “punhado de bilionários” formaram uma nova classe oligárquica que passou a utilizar seu capital para manipular o governo em favor de benefícios próprios e corrupção, gerando uma espécie de plutocracia que serviu para retroalimentar a crise durante todo o período⁴⁰.

³⁸ SEGRILLO, Angelo. *De Gorbachev a Putin: a saga da Rússia do Socialismo ao Capitalismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2015, p.163. ⁴⁶ Idem, p.13.

³⁹ SEGRILLO, Angelo. *De Gorbachev a Putin: a saga da Rússia do Socialismo ao Capitalismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2015, p.92.

⁴⁰ Idem, p.119.

Esta guinada liberal radical na política econômica, representada pela terapia de choque, foi acompanhada por iniciativas de democratização interna (bastante limitadas, na melhor das hipóteses⁴¹) e colaboração com os EUA e os países da Europa Ocidental no terreno da política internacional. No entendimento de Yeltsin, uma boa relação com o Ocidente e suas instituições era vital para o desenvolvimento do jovem capitalismo Russo.

No âmbito da política internacional, houve grande perda de poder geopolítico da Rússia enquanto potência regional durante o período Yeltsin. Apesar de ter mantido todo o arsenal nuclear soviético e a representação no Conselho de Segurança da ONU, a perda dos territórios que antes pertenciam a URSS e que passaram a formar 15 novas repúblicas foi uma grande catástrofe geopolítica para a Rússia. Esta fragmentação permitiu que os Estados Unidos passassem a influenciar política e militarmente muitos destes países, representando grande ameaça à sua segurança nacional na percepção da Rússia⁴².

Esta expansão fez com que a Rússia repensasse a “parceria estratégica” com os EUA levada a cabo no primeiro mandato de Yeltsin. Parte fundamental do acordo entre George Bush e Mikhail Gorbachev para a reunificação pacífica da Alemanha era que a OTAN não passaria do território da antiga Alemanha Oriental. Ou seja, não incorporaria os demais países da cortina de ferro. Esta garantia foi dada pelo então secretário de estado norte-americano, James Baker⁴³. Contudo, na reunião da organização em 1994, Bill Clinton anuncia que a questão não é se haverá ou não uma expansão da OTAN, mas sim quando ela ocorreria. Em 1995, Yeltsin escreveu uma carta à organização reivindicando o cumprimento do acordo firmado anteriormente, mas sem sucesso⁴⁴. Depois de anos de negociação, em 1999, a OTAN admite como novos membros a Polônia, Hungria e República Tcheca. As tropas norte-americanas adentraram a cortina de ferro.

Em função da progressiva desilusão de Yeltsin com a pretendida parceria com os EUA, Jubran afirma que o desenvolvimento da política externa russa durante a década de 1990 se

⁴¹ Idem, p.89.

⁴² MAZAT, Numa; SERRANO, Franklin. A geopolítica da federação russa em relação aos Estados Unidos e à Europa: Vulnerabilidade, Cooperação e Conflito. In: ALVES, André G. de M. P.; ADAM, Gabriel Pessin; MAZAT, Numa; POMERANZ, Lenina; SEGRILLO, Ângelo; SERRANO, Franklin. *O renascimento de uma potência? A Rússia no século XXI*. IPEA: Brasília, 2012, p.11.

⁴³ GORDON, Michael. The Anatomy of a Misunderstanding. **The New York Times**, 1997. Disponível em: <http://www.nytimes.com/1997/05/25/weekinreview/the-anatomy-of-a-misunderstanding.html>. Acessado em: 05 jun. 2016.

⁴⁴ BANDEIRA, Moniz. *A Segunda Guerra Fria: Geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos. Das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p.55. ⁵³ JUBRAN, Lucas Mariotto. *Brasil e Rússia: política, comércio, ciência e tecnologia entre 1992 e 2010*. 2012. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p.42.

subdivide em 3 etapas⁵³. A primeira, marcada por uma grande aproximação com os Estados Unidos e o Ocidente, vai de 1991 a 1993. Yeltsin acreditava que o desenvolvimento do capitalismo russo dependeria, em grande medida, desta aproximação, além do fato que os EUA prometeram um razoável auxílio financeiro para a Rússia no processo de restauração capitalista. Contudo, ao passo que este auxílio financeiro nunca foi entregue, e Bill Clinton sinalizou que iria ignorar o acordo de não expansão da OTAN firmado entre Bush e Gorbachev, de 1994 a 1996 passa a haver um redirecionamento da política externa Russa no sentido de se afastar dos EUA.

A terceira etapa (1996-1999) indicada por Jubran é marcada por uma aproximação da Rússia com os países orientais, em especial a China, e a busca por novas alianças que equilibrem o poder com os EUA⁴⁵. Esta política foi defendida de forma precursora pelo então chanceler Eugueni Primakov, em 1996. Além de propor uma revisão da política externa em favor de um rebalanceamento internacional do poder, Primakov defendia também a mudança da política econômica ultra-liberal do governo, que atendia majoritariamente a nova classe oligárquica, para uma que priorizasse o controle estatal sobre setores estratégicos, regulamentação financeira, controle fiscal, entre outras causas. Por ter tido uma breve passagem como ministro (ficou apenas um ano devido à conflitos entre as suas propostas e as de Yeltsin, que não queria tanta distância do Ocidente quanto Primakov), não pode levar a cabo a maioria das políticas que pretendia. Contudo, suas ideias foram levadas a cabo e aprofundadas posteriormente por Vladimir Putin, tanto no terreno da economia quanto da política externa.

Putin

A segunda fase da Rússia pós-soviética, inaugurada com a passagem palaciana da presidência de Boris Yeltsin para Vladimir Putin em 1999, se caracteriza enquanto o oposto do período anterior em seus principais aspectos políticos internos, externos e econômicos. Esta mudança, como toda transformação histórica, não se deu abruptamente em uma simples troca de governo. Foi resultado da tendência política que reivindicava o fortalecimento da soberania nacional russa durante os últimos anos do governo Yeltsin.

“A intervenção da OTAN na Sérvia em 1999, apesar da forte oposição da Rússia, foi percebida pela população russa e por seus dirigentes como ameaça para a segurança

⁴⁵ Idem, p.44.

do país (Eckert, 2004; Treisman, 2011). O bombardeio da Sérvia mostrou de forma nítida o quanto a estratégia de cerco organizada pelos Estados Unidos e seus aliados, mediante o avanço programado da OTAN e da UE nas zonas antigamente controladas pela URSS, podia representar perigo para a soberania da Rússia. Assim, nas eleições legislativas de dezembro de 1999, a questão da segurança internacional do país tornou-se um dos principais temas de campanha. O partido do então primeiro-ministro Vladimir Putin venceu estas eleições prometendo mudança radical na inserção geopolítica da Rússia, que devia manter sua integridade territorial – ameaçada diretamente pelo terrorismo e pelo conflito na Chechênia –, recuperar a soberania nacional e voltar a ser uma potência minimamente respeitada em âmbito internacional, capaz de proteger seus interesses e de garantir certo controle sobre a antiga área soviética”⁴⁶.

Enquanto o governo Yeltsin era visto por grande parte dos analistas políticos enquanto um governo de oligarcas, o governo Putin era entendido enquanto um governo de *silovikis*. Essa expressão se refere aos profissionais que trabalham no setor de segurança do Estado, particularmente o setor de inteligência, que durante a União Soviética atendia por KGB e atualmente por FSB. Este é o caso do jornalista da revista *The Economist*, Edward Lucas, talvez o precursor da utilização do termo Nova Guerra Fria para se referir às atuais relações entre a Rússia e o Ocidente⁴⁷.

A ideia de que o governo Putin é marcado pela hegemonia dos *silovikis* parte de alguns fatos concretos. Em primeiro lugar, pelo fato de o próprio Vladimir Putin ser um exagente da KGB e trazer um grande número de profissionais da FSB para formar seu governo⁴⁸. Por outro lado, pelo combate ferrenho que seu governo efetuou contra os oligarcas. Putin se mostrou irreduzível em interromper a plutocracia reinante na Rússia. A partir de sua eleição à presidência, instituiu-se uma nova regra na relação com os oligarcas: o governo nada faria contra o seu patrimônio, desde que estes não se intrometessem na vida política do país⁴⁹. Como a privatização levada a cabo por Yeltsin e Gaidar foi feita com diversas irregularidades e casos de corrupção, era fácil para o novo governo encabeçar ações criminais contra os oligarcas e

⁴⁶ MAZAT, Numa; SERRANO, Franklin. A geopolítica da federação russa em relação aos Estados Unidos e à Europa: Vulnerabilidade, Cooperação e Conflito. In: ALVES, André G. de M. P.; ADAM, Gabriel Pessin; MAZAT, Numa; POMERANZ, Lenina; SEGRILLO, Ângelo; SERRANO, Franklin. *O renascimento de uma potência? A Rússia no século XXI*. IPEA: Brasília, 2012, p.22.

⁴⁷ LUCAS, Edward. *The new Cold War: Putin's Russia and the threat to the West*. Macmillan, 2014, p.16.

⁴⁸ SEGRILLO, Angelo. *De Gorbachev a Putin: a saga da Rússia do Socialismo ao Capitalismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2015, p.179.

⁴⁹ Idem, p.178.

chantageá-los para que não participassem da política e, caso contrário, processá-los e prendê-los.

Apesar do combate às oligarquias e da forte presença *siloviki* no governo Putin, Angelo Segrillo discorda que houvesse um controle hegemônico e autoritário do setor ligado à segurança do estado sobre o setor civil dentro do governo. Segundo o historiador:

“É no equilíbrio (e ziguezague) entre estes dois grupos principais que foram se formando as políticas putinianas. No primeiro mandato presidencial de Putin a ala liberal teve bastante influência na economia. No segundo mandato, com o aprofundar das ameaças internas (terrorismo) e externas (tensões internacionais), a influência do *siloviki* se tornou mais conspícua. Putin ‘rege’ essas duas alas da orquestra conforme sua conveniência, o que causa surpresas ocasionalmente aos observadores que tiram conclusões excessivamente lineares da situação. Por exemplo, a partir do aumento da influência dos *siloviki* durante as tensões do segundo mandato presidencial (2004-2008), muitos analistas achavam que Putin (proibido por lei de se reeleger uma segunda vez consecutiva) escolheria como seu ‘sucessor’ na eleição presidencial de 2008 o *siloviki* Sergei Ivanon, mas ele acabou escolhendo o ‘civil’ Dmitri Medvedev”⁵⁰.

Este combate à plutocracia oligárquica foi uma das consequências do *ukreplenie vertikalí vlasti* (fortalecimento da vertical de poder), conceito que Putin começaria a implantar como alicerce da política interna de seu governo. Já em seu primeiro mandato houve grande centralização do poder estatal na União em detrimento dos estados, oposto à descentralização promovida por Yeltsin. Isto também se demonstrou no vigor com que Putin resolveu a questão separatista na Segunda Guerra da Chechênia (1999-2003), que considerou o movimento independentista enquanto terrorista e foi muito criticado pela mídia e governos ocidentais⁵¹.

Esta transformação radical a qual passava a Rússia sob a égide de Vladimir Putin só foi possível em função da grande recuperação econômica a qual passou o país a partir de seu governo. Em parte, esta recuperação se deveu concretamente ao elevado aumento internacional do preço das *comodities*, o que beneficiou em muito a Rússia, um país com abundância em recursos naturais principalmente petróleo e gás⁵². Por outro lado, o governo Putin aplicou uma política econômica que se revelou mais adequada para a retomada de crescimento e estabilidade

⁵⁰ Idem, p.180.

⁵¹ SEGRILLO, Angelo. *De Gorbachev a Putin: a saga da Rússia do Socialismo ao Capitalismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2015, p.180.

⁵² Idem, p.167.

do que a anterior. Houve uma interrupção no desastrado processo de privatizações; reestatização de empresas ligadas aos setores estratégicos; pagamento do funcionalismo; planejamento fiscal, entre outras medidas que renderam grande popularidade à seu governo⁵³.

Esta recuperação econômica e a grande popularidade do governo criaram as bases sob as quais Putin se amparou para aplicar o seu projeto para a Rússia na política internacional: reverter a perda de poder do país nos anos 1990 e o avanço da OTAN em direção às suas fronteiras

O questionamento da unipolaridade da política internacional norte-americana pela Rússia é um processo que começa de forma incipiente no final do governo Yeltsin, com Primakov, e se desenvolve na fase posterior, com Putin. Angelo Segrillo subdivide a segunda fase da Rússia pós-Soviética (1999-2016), sob o governo de Vladimir Putin, em outros dois períodos.

O primeiro se iniciaria com a passagem da presidência de Yeltsin para Putin em 1999 e terminaria com o fim do seu segundo mandato em 2007. A segunda iniciaria com a crise econômica de 2008 e se estende até a atualidade. O objetivo deste capítulo é demonstrar o processo histórico que levou a um aprofundamento do questionamento russo à grand strategy liberal norte-americana nos dois primeiros mandatos de Putin (2000-2007), e analisar a partir deste contexto a percepção russa da Política Internacional do século XXI expressa em seu discurso na Conferência de Segurança de Munique em 2007.

1.2 O Primeiro mandato de Vladimir Putin (2000-2003) e as Guerras do Afeganistão e Iraque.

Apesar de Putin, neste período inicial da sua carreira na presidência, compreender a necessidade de determinada distancia política em relação aos EUA como forma de reafirmação dos interesses nacionais da Rússia, o seu primeiro mandato foi marcado por razoável cooperação entre as duas nações. Além de ter se tornado parceiro institucional privilegiado da OTAN através do Conselho OTAN-Rússia (2002), em função das reformas econômicas e democráticas que o país estava efetuando, passou a integrar definitivamente o Grupo dos 7 (G7), que com a entrada da Rússia tornou-se o G8⁵⁴.

⁵³ Idem, p.174.

⁵⁴ MAZAT, Numa; SERRANO, Franklin. A geopolítica da federação russa em relação aos Estados Unidos e à Europa: Vulnerabilidade, Cooperação e Conflito. In: ALVES, André G. de M. P.; ADAM, Gabriel Pessin; MAZAT, Numa; POMERANZ, Lenina; SEGRILLO, Ângelo; SERRANO, Franklin. *O renascimento de uma potência? A Rússia no século XXI*. IPEA: Brasília, 2012, p.28.

Apesar de que no primeiro ano após sua eleição, em 2000, Putin dá prosseguimento à tendência *primakoviana* de política externa, a relação com os EUA muda a partir do atentado terrorista de 11 de setembro em Nova York e Washington. Putin demonstrou total solidariedade com os Estados Unidos, foi o primeiro chefe de Estado a dar condolências a George W. Bush, e se comprometeu a ajudar os norte-americanos na guerra ao terror. E esta ajuda veio de verdade.

Putin imediatamente apoiou a Guerra do Afeganistão; ofereceu um corredor militar para a OTAN em seu território; compartilhou inteligência; e não se opôs a instalação de bases norte-americanas no Quirguistão, Tajiquistão, Uzbequistão e outros países da Ásia Central que são parte da zona de influência Russa e estratégicos para o combate contra os Talibãs⁵⁵.

Obviamente, este apoio não foi gratuito. A Rússia vinha tendo cada vez mais problemas com os fundamentalistas islâmicos no Cáucaso e também com o movimento separatista Checheno, considerado terrorista pelo governo. O pretexto do combate global ao terror possibilitou que Putin perseguisse os separatistas chechenos de forma muito mais dura, pelo fato de se tratarem de terroristas⁵⁶. Contudo, se a Guerra do Afeganistão (2001) foi capaz de fazer convergir os interesses russos e norte-americanos no combate ao terror, a Guerra do Iraque (2003) voltou a aumentar as tensões políticas entre os países. Entendida enquanto uma ação militar ilegítima do ponto de vista do Direito Internacional⁵⁷, a Rússia percebeu nesta guerra uma manifestação do unilateralismo dos EUA que poderia cedo ou tarde ter a Rússia como alvo.

Como foi apontado anteriormente, o governo de Vladimir Putin se diferenciava do de Yeltsin em termos de composição política por não se tratar mais de um governo subordinado às oligarquias, mas sim um governo de equilíbrio entre o setor estatal ligado a segurança e inteligência (*siloviki*) e outro setor civil e liberal. O primeiro mandato de Putin, em que ocorre uma reaproximação da Rússia com os EUA depois do 11 de Setembro, foi marcado por uma maior relevância do setor liberal sobre os *siloviki*, em grande parte pela necessidade urgente de recuperação econômica. Contudo, Jubran aponta que o retorno à ideia de ‘parceria’ com os norte-americanos, influenciado pelos liberais dentro do governo Putin, não satisfaz os *silovikis*:

⁵⁵ JUBRAN, Lucas Mariotto. *Brasil e Rússia: política, comércio, ciência e tecnologia entre 1992 e 2010*. 2012. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p.131.

⁵⁶ SEGRILLO, Angelo. *De Gorbachev a Putin: a saga da Rússia do Socialismo ao Capitalismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2015, p.167.

⁵⁷ *Presidente russo faz discurso de repúdio à Guerra do Iraque*. Disponível em: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2003-03-21/presidente-russo-faz-discurso-de-repudio-guerracontra-iraque>

“Porém, no plano doméstico, a colaboração russa aos esforços de Guerra no Afeganistão era alvo de fortes críticas nos círculos conservadores e nacionalistas. Em uma reunião da Academia de Ciências Militares, não apenas acadêmicos, mas também figuras de alto escalão do próprio governo (Ministro da Defesa ou Minoborony e o Chefe de Estado-maior da Rússia) criticavam a postura permissiva e subordinada da Rússia em relação aos EUA após os ataques terroristas de 2001. Essas críticas, que pressionavam pelo retorno da “política externa pragmática”, cresciam e ameaçavam o apoio político interno a Putin. A escalada de tensões entre EUA e Iraque ofereceu ao líder russo uma oportunidade de reavaliar a suposta “parceria estratégica” com os EUA”⁵⁸.

Portanto, já no final do primeiro mandato de Putin com a Guerra do Iraque e, principalmente, a partir de seu segundo mandato, o setor siloviki ganha poder na correlação de forças com o setor liberal e reforça a concepção de política externa no sentido de um afastamento dos EUA e afirmação dos interesses e da soberania nacional russa. Essa mudança na linha política não foi apenas um capricho de Putin para manter estável sua relação com os siloviki, mas partiu de um aprofundamento de ameaças concretas à segurança da Rússia pelos EUA. Notadamente: a expansão da OTAN e as Revoluções Coloridas.

1.3 A expansão da OTAN, a freedom agenda de George W. Bush e o segundo mandato de Vladimir Putin (2004-2007)

Em 2004, os Estados Unidos celebram uma nova rodada de expansão da OTAN. Desta vez, a organização adentrou ainda mais profundamente a cortina de ferro, chegando na fronteira da Rússia. Este ano entraram Estônia, Letônia, Lituânia, Bulgária, Romênia, Eslováquia e Eslovênia. Em 2009 também se juntaram à organização Albânia e Croácia⁵⁹. O seguinte mapa ilustra o atual status da OTAN na Europa, evidenciando a expansão em direção a Rússia após o fim da URSS. Em contraste com a Figura 1, podemos perceber que o território que antes era oficialmente da União Soviética ou que fazia parte de seu arco de influência direta no Pacto de Varsóvia, passam a fazer parte da aliança militar inimiga da Rússia: a OTAN.

⁵⁸ JUBRAN, Lucas Mariotto. *Brasil e Rússia: política, comércio, ciência e tecnologia entre 1992 e 2010*. 2012. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p.63.

⁵⁹ MASTERS, Jonathan. The North Atlantic Treaty Organization. **Council on Foreign Relations**, 2016. Disponível em: < <http://www.cfr.org/nato/north-atlantic-treaty-organization-nato/p28287>>. Acessado em: 04 jun. 2016.

Figura 2: A expansão da OTAN.



Fonte: Adaptado de: Masters, 2016.

Portanto, entre 1991 e 2009, 13 países que antes pertenciam ao Pacto de Varsóvia durante a Guerra Fria passaram a fazer parte da OTAN. E como foi dito pela própria organização na reunião de Cúpula em Bucareste no ano de 2008, a intenção era continuar esta expansão para dois outros países altamente estratégicos para a Rússia e que estão nas suas fronteiras: Ucrânia e Geórgia⁶⁰. Contudo, até 2003 e 2004, estes países possuíam governos que tinham relações amistosas e de parceria com a Rússia. Portanto, como tentativa de executar objetivo de integrar os dois países à sua esfera de influência, os Estados Unidos se valeram da tática de *regime change*, através da promoção das “revoluções coloridas”.

Em 2001, após os atentados de 11 de setembro, o presidente dos EUA George W. Bush lança um novo projeto chamado *freedom agenda*, que tem o intuito de levar a democracia às regiões do Oriente Médio, Cáucaso e Ásia central que estavam sob o domínio de ditaduras. Isto se daria através da promoção de *revoluções coloridas*, que era “basicamente, uma estratégia de

⁶⁰ *Crisis in Ukraine: When Proxies are Primary*. Disponível em:
<https://mail.google.com/mail/u/0/#search/iuri/156ed0d8b88212bd?projector=1>

mobilização para provocar uma mudança pacífica de regimes políticos desgastados, que se tornaram indesejáveis as grandes potências”⁶¹.

Para executar este tipo de revolução, recorre-se ao financiamento de ONGs e grupos pro-democracia ocidentais, “da NED, da CIA e de entidades civis, entre as quais a Freedom House, a USAID, o Open Society Institute (...)”⁶². Seu método era recrutar, nos países da região, lideranças políticas (principalmente estudantis) e treina-las em instituições ocidentais, afim de que, quando voltassem, liderassem mobilizações populares que substituíssem as ditaduras nacionalistas e fundamentalistas por governos pro-ocidente, livre mercado e democracia.

Segundo Segrillo, estas revoluções foram “o ponto mais nevrálgico a levar o presidente russo a ter um ‘pé atrás’ com os governos ocidentais, em especial os EUA”⁶³. A primeira vez que esta estratégia foi utilizada em países da esfera de influência russa foi na Servia, onde a NED (National Endowment for Democracy) e a Open Society Institute, ligada a George Soros, financiaram a organização rebelde OTPOR. Depois de treinar quadros políticos estudantis, financiar ações rebeldes e grupos de mídia com o intuito de fazer propaganda contra o governo, emerge uma insurreição (1999) que destitui o antigo governo e o substitui por uma nova administração “democrática” e próxima politicamente dos países ocidentais. De acordo com o historiador Paulo Fagundes Visentini:

“Segundo os professores G. Sussman e S. Krader, da Portland State University/EUA, ‘as Revoluções Coloridas não são espontâneas, mas resultados de uma vasta planificação. Os Estados Unidos, em particular, e seus aliados exerceram nos Estados pós-comunistas uma impressionante gama de pressões e utilizaram financiamentos e tecnologias a serviço de apoio a democracia’. O teórico da nova técnica de mudança de regime é o politólogo norte-americano Gene Sharp, professor emérito de Ciência Política na Universidade de Massachusetts e pesquisador na de Harvard, que publicou a obra *From Dictatorship to Democracy*, disponível em 25 idiomas, inclusive em árabe”⁶⁴.

Também sobre as revoluções coloridas, Bandeira afirma:

⁶¹ VISENTINI, Paulo Fagundes. *A Primavera Árabe: entre a democracia e a geopolítica do petróleo*. Leitura XXI: Porto Alegre, 2012, p.158.

⁶² BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Segunda Guerra Fria*. Elsevier: São Paulo, 2013, p.92.

⁶³ SEGRILLO, Angelo. *De Gorbachev a Putin: a saga da Rússia do Socialismo ao Capitalismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2015, p.185.

⁶⁴ VISENTINI, Paulo Fagundes. *A Primavera Árabe: entre a democracia e a geopolítica do petróleo*. Leitura XXI: Porto Alegre, 2012, p.158-159.

“A estratégia do professor Gene Sharp pautou em larga medida a política de regime change, incrementada pelo presidente George W. Bush, de acordo o Project for the New American Century (PNAC) (...) Era a estratégia da freedom agenda, do presidente George W. Bush, cujo objetivo consistia exatamente no que o Directorate of Army Doctrine (DAD), do Departamento de Defesa do Canada, definia como subversão, i.e., a tentativa de solapar a estabilidade e a força econômica, política e militar de um Estado sem recorrer ao uso da força por meio da insurreição, mas provocando violentas medidas, a serem denunciadas como ‘overreaction by the authorities and thus discrediting the government’. A propaganda - acrescentou o documento do DAD - era ‘a key element of subversion’ e incluía a publicação de informações nocivas as forças de segurança, bem como a divulgação de rumores falsos ou verdadeiros destinados a solapar a credibilidade e a confiança no governo”⁶⁵.

Como aponta Moniz Bandeira, “desde o fim do governo de Bill Clinton, as autoridades do Pentágono principiaram a elaborar políticas visando a usar a Geórgia como key player na política de neo-containment, de forma a impedir que a Rússia voltasse a dominar a região do Cáucaso”⁶⁶. Além do fato que a Geórgia, pela sua própria posição geográfica no Cáucaso, é um país de grande importância geopolítica, o oleoduto de BakuTiblis-Ceyhan (criado pelos EUA para desviar da Rússia e Irã o transporte de petróleo para a Europa) que sai do Azerbaijão e vai até a Turquia passa por dentro de seu território⁶⁷.

Para concretizar o plano de implantar um regime próximo ao Ocidente na Geórgia, os Estados Unidos se aproveitaram da baixa popularidade do governo pró-russo georgiano de Eduard Shevardnadze, e estimularam uma insurreição contra o presidente em 2003, conhecida como a *Revolução Rosa*⁶⁸. Após a eleição parlamentar do dia 2 de novembro ter sido considerada fraudulenta, milhares de manifestantes vão as ruas exigindo a renúncia de Shevardnadze. Quando o presidente decretou estado de emergência e viu suas próprias tropas desertarem para a trincheira dos opositores, ele renuncia dia 22 de novembro e chama novas eleições para 2004, ganhas pelo advogado Mikheil Sakaashvili.

⁶⁵ BANDEIRA, Moniz. *A Segunda Guerra Fria: Geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos. Das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p.108.

⁶⁶ Idem, p.94.

⁶⁷ Idem, p.94.

⁶⁸ SUSSMAN, Gerald; KRADER, Sascha. “Template Revolutions: Marketing U.S. Regime Change in Eastern Europe”, *Westminster Papers in Communications and Culture*, University of Westminster, London, vo.5, n.3, 2008.

“O Wall Street Journal, em 24 de novembro de 2003, atribuiu o movimento contra o regime de Shevardnadze a operações de um grande número de ‘non-governmental organizations (...) supported by American and other Western foundations’ (...) Só o Open Society Institute, do mega investidor húngaro-americano George Soros, investiu acima de US\$ 42 milhões nos três meses anteriores a chamada Revolução Rosa. De acordo com o Wall Street Journal, essas organizações não governamentais (ONGs) haviam gerado uma classe de jovens, “English-speaking intellectuals hungry for pro-Western reforms”, que lideraram o golpe contra o governo de Shevardnadze e levaram ao poder Mikheil Saakashvili, graduado em Direito pela Columbia University e doutor pela George Washington University, nos anos 1990”⁶⁹.

A Ucrânia, em 2004, sofreu um processo muito semelhante com o que ocorreu na Geórgia em 2003. Contudo, é preciso aprofundar mais na revolução ucraniana do que na georgina em função do impacto que teve a guerra civil da Ucrânia em 2014 nas relações entre Rússia e Ocidente, que decorreram de causas muito semelhantes às da revolução laranja de 2004. Neste ano, ocorreram eleições para presidência, disputando de um lado o candidato governista e pró-Rússia, Viktor Yanukovich; e do outro o candidato oposicionista e próOcidente Viktor Yushenko. Para compreender de que forma o Ocidente interviu neste processo, é preciso compreender a divisão histórica dentro da sociedade ucraniana, que orbita entre o pêndulo de aproximação ora com a Rússia ora com o Ocidente.

Desde a independência da Ucrânia, em 1991, veio se fomentando um nacionalismo ucraniano que queria se desvencilhar de seu passado demasiado atrelado à Rússia. De fato, a Ucrânia pertence ao território da Rússia desde que este foi reconquistado no século XVII por Pedro, o Grande e manteve-se como parte integrante do país até o fim da União Soviética⁷⁹. Apesar da independência da Ucrânia em relação à URSS ter se dado muito mais por um acordo de elites do que por uma insurgência popular, este discurso nacionalista foi estimulado pelo Estado como forma de criar identidade e dar unicidade ao país. Como a Ucrânia se encontra inevitavelmente entre dois gigantes, a Europa Ocidental e a Rússia, os nacionalistas reivindicavam uma aproximação maior com a porção ocidental da Europa com o intuito de afastarem-se dos russos⁷⁰. Contudo, existe uma ligação umbilical da Ucrânia com a Rússia que

⁶⁹ BANDEIRA, Moniz. *A Segunda Guerra Fria: Geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos. Das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p.96. ⁷⁹ KALB, Marvin. *Imperial Gamble: Putin, Ukraine, and the New Cold War*. Brookings: Washington D.C., 2015, p.43.

⁷⁰ PLEKHANOV, Sergei. Assisted suicide: Internal and external causes of the Ukrainian Crisis. In: BLACK, J.L.; JONES, Michael. *The return of the Cold War: Ukraine, the West and Russia*. Routledge: New York, 2016, p.35.

não se apaga com acordos de elites. De acordo com Plekhanov, um quarto da população da Ucrânia se declara etnicamente russa, e metade dos dois terços que se consideram etnicamente ucranianos tem parentesco direto com russos⁷¹. Ou seja, existe uma forte ligação objetiva e subjetiva entre a população dos dois países, que passou a se tornar um problema com o aumento do nacionalismo ucraniano pós-independência.

O seguinte mapa evidencia esta divisão étnica entre russos e ucranianos que é distribuída claramente de forma geográfica, onde a porção ocidental do país defende uma aproximação com o Ocidente e a porção oriental com a Rússia. O mapa apresenta esta divisão entre as duas porções da Ucrânia a partir da divisão dos votos entre Yanukovich e Yushchenko na eleição de 2004.

Figura 3: *Divisão política na Ucrânia.*



Fonte: Global Security, 2004.

Esta divisão social é importante para compreender a forma com que os países ocidentais, principalmente os EUA, se utilizaram das táticas de *regime change* para promover uma revolução colorida pró-Ocidente na Ucrânia. Duas dessas táticas que é importante serem destacadas é a unificação da oposição ao governo; e a atuação política da mídia para apoiar o

⁷¹ Idem, p.40.

candidato pró-Occidente, seja sob a forma de campanha direta como na forma de contestação dos resultados eleitorais. Para tanto, os Estados Unidos gastaram US\$ 34 milhões apenas em 2004⁷².

Nesse sentido, a NDI, uma ONG ligada a NED, fez um lobby junto aos dois principais candidatos de oposição ao governo pró-Russo de Leonid Kuchma, Yulia Timoschenko e Viktor Yuschenko, para conformar uma chapa única. Uma vez unificada a oposição, Yuschenko saiu como candidato à presidente e posteriormente nomeou Timoschenko como primeira ministra⁷³. Ao ocorrerem as eleições, em novembro de 2004, a apuração dos votos deu vitória para Yanukovich, com 49.46% dos votos, e em segundo lugar Yuschenko, com 46.61% dos votos. Contudo, diversas ONGs ocidentais que estavam atuando no país, como a *Razunkov Center* e a *Democracy Initiatives Foundation*, declararam que pela boca de urna a vitória tinha sido do candidato pró-ocidente, com 52% dos votos. Estas pesquisas foram acompanhadas de denúncias de fraude eleitoral, incluindo compra de votos, agressão e intimidação de militantes de oposição, múltiplos votos por pessoas, entre outras. Isso levou à Suprema Corte da Ucrânia à pedir anulação das eleições por fraude⁷⁴. Neste momento, um número enorme da população toma as ruas de Kiev, principalmente da praça Maidan, reivindicando a renúncia do presidente Yanukovich. Depois de uma onda de protestos em massa, o presidente decide abdicar do cargo e chamar novas eleições, ganhas desta vez pelo pró-Occidente Viktor Yuschenko.

“(...) da mesma forma que na Geórgia, embora houvesse na Ucrânia fortes e profundas razões para o descontentamento popular, o movimento foi desencadeado por ativistas, militantes da organização PORA (É tempo) e de outras ONGs dos Estados Unidos e da União Europeia, entre as quais Vidrodzhenya (Reviver), por George Soros, Freedom House, Poland-America-Ukraine Cooperation Initiative, USAID, National Endowment for Democracy, que haviam sustentado a campanha do candidato da oposição, Viktor Yushchenko”⁷⁵.

É conveniente explicar neste momento por quê seria tão nefasto para a Rússia de um ponto de vista geopolítico o alinhamento da Ucrânia ao Occidente, especialmente se isso

⁷² SUSSMAN, Gerald; KRADER, Sascha. “Template Revolutions: Marketing U.S. Regime Change in Eastern Europe”, *Westminster Papers in Communications and Culture*, University of Westminster, London, vo.5, n.3, 2008.

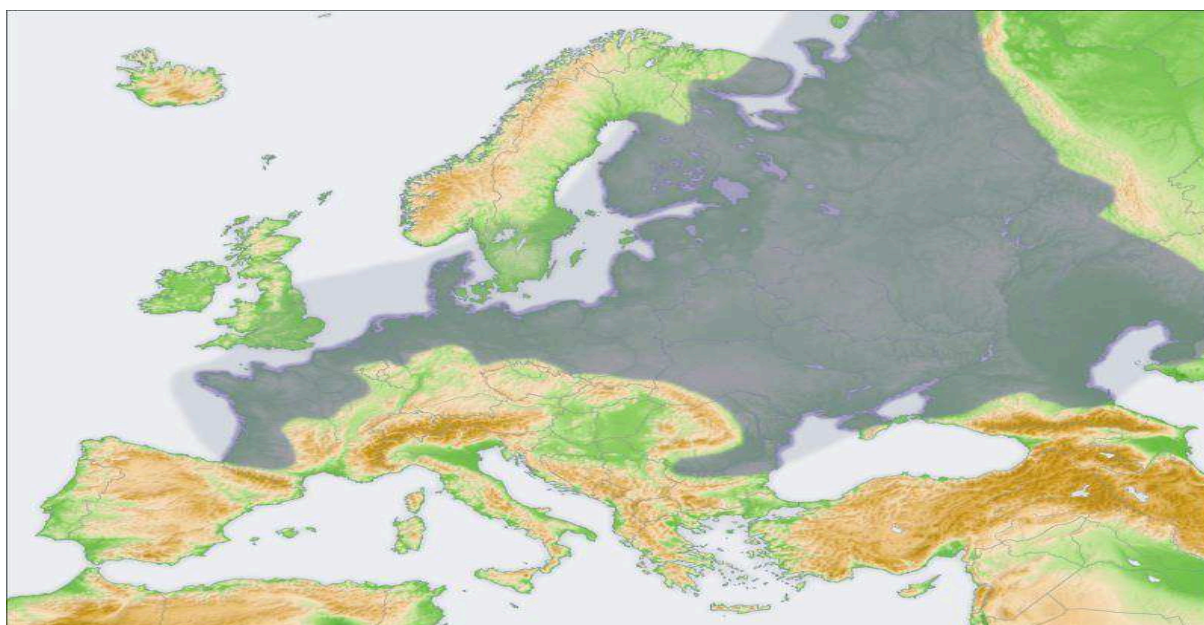
⁷³ Idem.

⁷⁴ SEGRILLO, Angelo. *De Gorbachev a Putin: a saga da Rússia do Socialismo ao Capitalismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2015, p.184.

⁷⁵ BANDEIRA, Moniz. *A Segunda Guerra Fria: Geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos. Das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p.96.

desdobrasse na entrada da OTAN. Na fronteira ocidental da Rússia adentra seu território a planície europeia que começa no litoral oeste da França e vai até os montes Urais na fronteira com a Ásia. Por via desta planície, historicamente, diversos países ocidentais tentaram invadir a Rússia, como o rei sueco Carlos XII em 1707, Napoleão Bonaparte em 1812, e os alemães em 1914 e 1941. Em função da facilidade com que os exércitos avançam sobre territórios planos, a planície europeia vinha sendo o palco dos conflitos militares entre a Rússia e o Ocidente na Europa⁷⁶. O mapa a seguir mostra, pelo destaque em cinza, a vastidão dessa planície e como ela oferece um corredor direto entre as porções ocidentais e orientais da Europa.

Figura 4: *Planície europeia.*



Fonte: Marshall, 2015, The Atlantic.

A Ucrânia fica exatamente na parte inferior da divisa russa com a planície europeia, portanto, é um território estratégico do ponto de vista da defesa do território russo. Ou seja, a Rússia não tem uma proteção natural, como uma cordilheira de montanhas, para se proteger de um ataque ocidental. Por isso, a Ucrânia funcionava como um *buffer state* entre as potências. E por consequência, representa um importante alvo para o Ocidente na sua busca de fortalecimento geopolítico no leste da Europa e uma grande ameaça à segurança nacional russa, caso integrada à OTAN⁷⁷.

⁷⁶ MARSHALL, Tim. *Russia and the course of geography. Want to understand why Putin does what he does? Look at a map.* The Atlantic, 31 Outubro. Disponível em: <http://www.theatlantic.com/international/archive/2015/10/russia-geography-ukraine-syria/413248/>

⁷⁷ MARSHALL, Tim. *Russia and the course of geography. Want to understand why Putin does what he does?*

Portanto, o cenário geopolítico que estava se desenhando na Europa durante o segundo mandato de Putin (2004-2007) não se mostrava nada favorável a Rússia. Os Estados Unidos levaram a OTAN até a fronteira norte da Rússia nos países Bálticos, e pretendiam, no mínimo, incluir mais dois, Ucrânia e Geórgia. Para contornar o obstáculo que estes países tinham governos próximos à Rússia, os Estados Unidos financiaram uma mudança de regime através da estratégia das revoluções coloridas, implementando novos governos pró-ocidentais. Uma vez recuperada economicamente, a Rússia de Putin demonstrou que não toleraria esta continua afronta norte-americana aos interesses nacionais russos. Este é o contexto político, econômico, e internacional o qual acontece a 42ª Conferência de Segurança de Munique em 2007.

1.4 O célebre discurso de Putin na 42ª Conferência de Segurança de Munique em fevereiro de 2007

A Conferência de Segurança de Munique (MSC) foi criada em 1963 por Ewald Heinrich von Kleist-Schmenzin, um veterano da *resistance* alemã durante a Segunda Guerra Mundial. Seu propósito era abrir um fórum multilateral de discussão sobre os dilemas da segurança internacional, congregando atores de decisão nas relações internacionais e acadêmicos, afim de evitar que outra tragédia como a segunda guerra pudesse tornar a acontecer. A MSC se consolidou durante as décadas seguintes e hoje é um dos principais fóruns de debate da atualidade sobre os problemas securitários internacionais, reunindo chefes de estado, embaixadores, ministros, parlamentares e acadêmicos de grande relevância⁷⁸. Desde 2009, a MSC vem sendo presidida pelo ex-diplomata alemão Wolfgang Ischinger. As conferências acontecem em fevereiro de todo ano no Hotel Bayerischer Hof, na cidade de Munique.

O discurso de Putin na MSC de 2007 repercutiu de forma avassaladora na imprensa, nas análises de política internacional, e até nos trabalhos de historiografia. Angelo Segrillo afirma que “este discurso na conferência de Munique funcionou como um divisor de águas e demarcador de campos. A partir dali a Rússia abandonaria o jogo das boas aparências com as potências ocidentais e passaria abertamente a jogar *hard balls* com elas.”⁷⁹. Em sua fala, o

Look at a map. The Atlantic, 31 Outubro. Disponível em:

<http://www.theatlantic.com/international/archive/2015/10/russia-geography-ukraine-syria/413248/>

⁷⁸ ISCHINGER, Wolfgang. *Towards mutual security: from Wehrkunde to the Munich Security Conference*.

Munich Security Conference Website. Disponível em:

https://www.securityconference.de/fileadmin/MS_C/2014/Munich_Security_Conference_05_Ischinger.pdf

⁷⁹ SEGRILLO, Angelo. *De Gorbachev a Putin: a saga da Rússia do Socialismo ao Capitalismo*. Curitiba: Editora Prisma, 2015, p.192.

chefe de estado russo manifestou uma nova percepção da política internacional, do papel dos Estados Unidos, e dos interesses da Rússia no contexto do século XXI diferente da que vinha sendo expressa desde Yeltsin até então. Conforme Immanuel Wallerstein sobre o discurso de Putin:

“Putin quer, como os russos quiseram por séculos, ser aceito como um jogador principal do Sistema-mundo. Ele obviamente sente que os Estados Unidos e até a Europa Ocidental usaram o interlúdio Yeltsin para ignorar a Rússia. Ele parece confiante que a maré mudou, primeiramente devido às mudanças na economia mundial. E, confiante no futuro, apresenta suas condições. Ele aparenta estar chamando a Europa para cooperação ativa e aos Estados Unidos para uma trégua militar de fato. Nós veremos na próxima década quanto sucesso terão essas políticas”⁸⁰.

Como aponta Wolfgang Ischinger quanto ao caráter da MSC, “Since there is no need to agree on a final communiqué, participants are free to voice their views and explore their divergent opinions.”⁸¹. Portanto, aproveitando-se do caráter de livre-diálogo do encontro, sem compromisso de ter que aprovar encaminhamentos, Putin fez um discurso sincero, talvez mais sincero do que qualquer outro desde o fim da Guerra Fria. “A estrutura dessa conferência me permite evitar polidez excessiva e a necessidade de falar por circunlóquios, agradáveis, mas vazios termos diplomáticos. O formato dessa conferência irá me permitir falar o que eu realmente penso sobre os problemas de segurança internacional”⁸².

Os temas abordados pelo chefe de estado russo são bastante variados. Na primeira parte de seu discurso adentra a questão da unipolaridade do sistema internacional de estados pós Guerra Fria, e como esta ordem vem falhando na promoção da paz e do desenvolvimento desde 1991. Em um segundo momento, aponta como a desestabilização das relações internacionais

⁸⁰ No original: “Putin wants, as Russians have wanted for centuries, to be accepted as a principal player in the world-system. He obviously feels that the United States, and even Western Europe, used the Yeltsin interlude to ignore Russia. He seems confident that the tide has turned, primarily because of changes in the world-economy. And, confident of the future, Putin lays down his conditions. He appears to be appealing to Europe for active cooperation and to the United States for a de facto military truce. We shall see in the next decade how successful such policies will be”.

⁸¹ ISCHINGER, Wolfgang. *Towards mutual security: from Wehrkunde to the Munich Security Conference*. Munich Security Conference Website. Disponível em:

https://www.securityconference.de/fileadmin/MSCF/2014/Munich_Security_Conference_05_Ischinger.pdf

⁸² No original: “Putin wants, as Russians have wanted for centuries, to be accepted as a principal player in the world-system. He obviously feels that the United States, and even Western Europe, used the Yeltsin interlude to ignore Russia. He seems confident that the tide has turned, primarily because of changes in the world-economy. And, confident of the future, Putin lays down his conditions. He appears to be appealing to Europe for active cooperation and to the United States for a de facto military truce. We shall see in the next decade how successful such policies will be”.

está ligada ao fracasso das iniciativas de desarmamento entre as potências. Isso se evidencia não apenas na estagnação do desarmamento nuclear, mas também na escalada militar no leste Europeu, devido a expansão da OTAN até as fronteiras russas. Apesar das duras críticas contra os EUA e o avanço da OTAN na Europa oriental, na terceira parte de seu discurso, Putin demonstra interesse e disposição para trabalhar em cooperação com os norte-americanos, tanto no campo econômico quanto político e militar, e superar os atuais impasses. Após o término de sua fala, ocorreu uma rodada de perguntas, cujos principais temas foram as mortes de jornalistas na Rússia, as relações russas com o Irã, e a deslegitimação da expansão da OTAN pelo governo Putin.

Portanto, ao analisar o conteúdo do discurso do chefe de estado russo na MSC 2007, percebe-se que este apresenta uma visão cautelosa em relação ao Ocidente e o choque de interesses entre os países ocidentais e a Rússia. Em diversos momentos ele aponta a existência de conflitos entre as potências e, na sua visão, por responsabilidade do Ocidente. Contudo, ele não se coloca contra os países ocidentais *a priori*, tanto é que reafirma a disposição para solução conjunta dos problemas e que a Rússia e os Estados Unidos permanecem países amigos.

Para evidenciar esta hipótese, três tópicos do seu discurso na MSC são fundamentais para compreender a percepção russa do Ocidente presentes no discurso de Putin: 1) Unipolaridade versus Multipolaridade; 2) a expansão da OTAN; 3) a disposição para cooperação com os Estados Unidos.

Unipolaridade versus Multipolaridade

Após Putin demonstrar seu desejo de falar francamente sobre sua visão das relações internacionais com os representantes das demais potências, o chefe de estado russo demonstra sua insatisfação com a atual ordem unipolar do sistema internacional.

“Entretanto, o que é um mundo unipolar? Não importa o quanto embelezamos esse termo, feitas as contas ele se refere a um tipo de situação, a saber, um único centro de autoridade, um único centro de força, um único centro de instâncias decisórias. É um mundo no qual há apenas um mestre, um soberano. E, feitas as contas, isso é pernicioso, não apenas para todos aqueles inseridos nesse sistema, mas também para o próprio soberano, porque ele se destrói de dentro para fora”⁸³.

⁸³ No original: “However, what is a unipolar world? However one might embellish this term, at the end of the day it refers to one type of situation, namely one center of authority, one center of force, one center of decisionmaking.

Segundo ele, esta ordem se revela anti-democrática, pelo fato de impor os interesses da superpotência em detrimento do interesse das demais nações.

“E isso certamente nada tem em comum com a democracia. Porque, como vocês sabem, democracia é o poder da maioria em luz dos interesses e opiniões da minoria. Aliás, Rússia – nós – estamos constantemente sendo doutrinados sobre democracia. Mas, por alguma razão, aqueles que nos doutrinam não querem, eles próprios, aprenderem”⁸⁴.

Além da falta de democracia, Putin também observa que a unipolaridade vem causando cada vez mais guerras e desrespeito ao Direito Internacional. Este é o primeiro momento de seu discurso em que o chefe de estado russo cita nominalmente os Estados Unidos, referindo-se implicitamente à Guerra do Iraque (denunciada por diversos Estados além da Rússia como uma ação ilegítima do ponto de vista do Direito Internacional).

“Atualmente estamos testemunhando um quase incontido hiper uso da força – força militar – nas relações internacionais, força que está impelindo o mundo num abismo de conflitos permanentes (...) Estamos vendo um cada vez mais maior desdém pelos princípios básicos da lei internacional. E normais legais independentes estão, aliás, cada vez mais, se tornando próximas de um Sistema Jurídico de um país. Um país, é claro, em primeiro lugar os Estados Unidos, excede suas fronteiras nacionais de todas as formas possíveis. Isso é visível nas políticas econômicas, políticas, culturais e educacionais que impõe sobre outras nações. Bem, quem gosta disso? Quem é feliz por causa disso?”⁸⁵.

A unipolaridade do sistema, para Putin, está fadada ao fracasso. Em primeiro lugar porque, desde o fim da Guerra Fria, esta ordem não foi capaz de eliminar as guerras e os

It is world in which there is one master, one sovereign. And at the end of the day this is pernicious not only for all those within this system, but also for the sovereign itself because it destroys itself from within.”

⁸⁴ No original: “And this certainly has nothing in common with democracy. Because, as you know, democracy is the power of the majority in light of the interests and opinions of the minority. Incidentally, Russia – we – are constantly being taught about democracy. But for some reason those who teach us do not want to learn themselves.”

⁸⁵ No original: “Today we are witnessing an almost uncontained hyper use of force – military force – in international relations, force that is plunging the world into an abyss of permanent conflicts (...) We are seeing a greater and greater disdain for the basic principles of international law. And independent legal norms are, as a matter of fact, coming increasingly closer to one state’s legal system. One state and, of course, first and foremost the United States, has overstepped its national borders in every way. This is visible in the economic, political, cultural and educational policies it imposes on other nations. Well, who likes this? Who is happy about this?”.

conflitos regionais, a pobreza e a desigualdade; ao contrário, as aprofundaram. E em segundo lugar pois, toda vez que uma potência tentou estabelecer-se enquanto hegemonia internacional, desrespeitando a soberania das nações alheias, esta potência levou o mundo à grandes guerras e terminou em frangalhos. Em consequência, Putin defende um sistema internacional de Estados multipolar, cujo poder não esteja concentrado em apenas uma superpotência, mas compartilhado entre várias. “E é claro que isso é extremamente perigoso. Resulta no fato de que ninguém se sente seguro. Quero frisar isso – ninguém se sente seguro! Porque ninguém sente que a lei internacional é como um muro de pedra que irá protegê-los. É claro que tal política estimula uma corrida armamentícia.”

A expansão da OTAN

Dentro do rol de atitudes unilaterais dos Estados Unidos, a expansão da OTAN é a que Putin denuncia com mais vigor em seu discurso. Como foi demonstrado anteriormente, esta expansão se deu a despeito do acordo firmado entre EUA e URSS durante o processo de reunificação da Alemanha, cujos termos estipulavam que a OTAN não iria incluir novos membros na Europa Central e Oriental.

“Eu creio que é óbvio que a expansão da OTAN não tem relação alguma com a modernização da própria Aliança ou com garantir a segurança na Europa. Ao contrário, representa uma grave provocação que reduz o nível de confiança mútua. E nós temos o direito de perguntar: contra quem essa expansão é intencionada? E o que aconteceu com as garantias que nossos parceiros ocidentais fizeram depois da dissolução do Pacto da Varsóvia? Onde estão essas declarações hoje? Ninguém se lembra delas. Mas eu irei me permitir lembrar para essa plateia do que foi dito. Eu gostaria de citar o discurso do Secretário Geral da OTAN, Sr. Woerner, em Bruxelas, em 17 de maio de 1990. Ele disse então que: “o fato de que estamos dispostos a não posicionar um exército da OTAN fora de território alemão dá a União Soviética uma garantia firme de segurança”. Onde estão essas garantias?”⁸⁶.

⁸⁶ No original: “I think it is obvious that NATO expansion does not have any relation with the modernisation of the Alliance itself or with ensuring security in Europe. On the contrary, it represents a serious provocation that reduces the level of mutual trust. And we have the right to ask: against whom is this expansion intended? And what happened to the assurances our western partners made after the dissolution of the Warsaw Pact? Where are those declarations today? No one even remembers them. But I will allow myself to remind this audience what was said. I would like to quote the speech of NATO General Secretary Mr Woerner in Brussels on 17 May 1990. He said at the time that: “the fact that we are ready not to place a NATO army outside of German territory gives the Soviet Union a firm security guarantee”. Where are these guarantees?”

Em 1999, ocorreu nova rodada de negociações entre a OTAN e a Rússia e foi assinado o Adapted Treaty of Conventional Army in Europe. Neste novo tratado, que retomava as negociações sobre a não expansão da OTAN em 1990, foram resolvidas as questões pendentes que vinham impedindo a aplicação do tratado original⁸⁷. Contudo, diz Putin, mais uma vez o acordo não foi respeitado.

“O Tratado Adaptado de Forças Armadas na Europa foi assinado em 1990. Ele levava em consideração a nova realidade geopolítica, ou seja, a eliminação do Pacto da Varsóvia. Sete anos se passaram e apenas quatro países ratificaram esse documento, incluindo a Federação Russa. Os países da OTAN abertamente declararam que eles não irão ratificar esse tratado, incluindo as provisões nas restrições de flanco (sobre instalar um certo número de forças armadas nas zonas de flanco), até que a Rússia removesse suas bases militares da Geórgia e da Moldávia (...). Mas o que está acontecendo ao mesmo tempo? Simultaneamente as então chamadas bases fronteiriças flexíveis americanas, cada uma com até cinco mil homens. Conclui-se que a OTAN coloca suas forças fronteiriças em nossas fronteiras, e nós continuamos a seguir estritamente nossas obrigações contratuais e não reagimos de forma alguma a isso.”⁸⁸

A Geórgia e a Ucrânia, onde ocorreram revoluções coloridas em 2003 e 2004 (respectivamente), são países que estavam na mira da OTAN. Ambos têm fronteira com a Rússia e grande localização estratégica do ponto de vista geopolítico na região do Cáucaso. Em função disso, tanto Putin quanto diversos analistas internacionais chegaram à conclusão que não era coincidência as revoluções que impuseram governos pro-Ocidente terem acontecido nos dois países, principalmente tendo em vista a atuação das Organizações Não Governamentais (ONGs) norte-americanas na região (Open Society Institute, National Endowment for Democracy, entre outras). Putin temia que esta onda revolucionária financiada pelo Ocidente pudesse chegar à Rússia e, em função disso, impôs determinadas restrições no registro e atuação

⁸⁷ JUBRAN, Lucas Mariotto. *Brasil e Rússia: política, comércio, ciência e tecnologia entre 1992 e 2010*. 2012. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

⁸⁸ No original: “The Adapted Treaty on Conventional Armed Forces in Europe was signed in 1999. It took into account a new geopolitical reality, namely the elimination of the Warsaw bloc. Seven years have passed and only four states have ratified this document, including the Russian Federation. NATO countries openly declared that they will not ratify this treaty, including the provisions on flank restrictions (on deploying a certain number of armed forces in the flank zones), until Russia removed its military bases from Georgia and Moldova (...) But what is happening at the same time? Simultaneously the so-called flexible frontline American bases with up to five thousand men in each. It turns out that NATO has put its frontline forces on our borders, and we continue to strictly fulfil the treaty obligations and do not react to these actions at all.”

de ONGs no país . Ao ser questionado em relação a esta questão, o chefe de estado russo mostra-se de fato enfático em seu rechaço a intervenção ocidental na política interna de países estrangeiros, particularmente aqueles próximos da Rússia:

“O que nos incomoda? Eu posso dizer, e creio que é claro para todos, que quando essas organizações não governamentais são financiadas por governos estrangeiros, nós as vemos como um instrumento que estados estrangeiros usam para executar suas políticas sobre a Rússia. Essa é a primeira coisa. A segunda. Em cada país há certas regras para financiar, digamos, campanhas eleitorais. Financiamentos de governos estrangeiros, incluindo dentro de campanhas governamentais, procedem por organizações não governamentais. E quem fica feliz com isso? Isso é democracia normal? É financiamento secreto. Escondido da sociedade. Onde fica a democracia aqui? Vocês podem me dizer? Não! Vocês não conseguem me dizer, e jamais conseguirão. Porque não há democracia aqui, há apenas um estado exercendo influência sobre um outro.”⁸⁹

Relação amigável com os EUA

Apesar da oposição de Putin contra a ordem unipolar do sistema internacional de estados levada a cabo pelos Estados Unidos, e também contra a expansão da OTAN em direção as suas fronteiras, o chefe de estado russo dá a entender que isso não compromete as relações amistosas entre as duas potências e tampouco os projetos de cooperação entre ambos, principalmente na questão energética. “Juntos com os Estados Unidos da América nós concordamos em reduzir nosso número de nossa capacidade de mísseis nucleares estratégicos para até 1700-2000 ogivas até 31 de dezembro de 2012.”⁹⁰. Putin demonstra, diversas vezes, que existe um alinhamento de interesses entre os russos e os norte-americanos neste tema.

⁸⁹ No original: “What bothers us? I can say and I think that it is clear for all, that when these non-governmental organisations are financed by foreign governments, we see them as an instrument that foreign states use to carry out their Russian policies. That is the first thing. The second. In every country there are certain rules for financing, shall we say, election campaigns. Financing from foreign governments, including within governmental campaigns, proceeds through non-governmental organisations. And who is happy about this? Is this normal democracy? It is secret financing. Hidden from society. Where is the democracy here? Can you tell me? No! You can’t tell me and you never will be able to. Because there is no democracy here, there is simply one state exerting influence on another.”

⁹⁰ No original: “Together with the United States of America we agreed to reduce our nuclear strategic missile capabilities to up to 1700–2000 nuclear warheads by 31 December 2012”.

“As últimas iniciativas apresentadas pelo presidente americano George W. Bush estão em conformidade com as propostas russas. Eu considero que a Rússia e os EUA estão objetivamente e igualmente interessados em reforçar o regime de não proliferação de armas de destruição em massa e sua distribuição. São precisamente nossos países, líderes em capacidade nuclear, que devem agir como líderes em desenvolver novas, mais estritas medidas de não proliferação. Rússia está pronta para tal trabalho. Estamos envolvidos em consultas com nossos amigos americanos”⁹¹.

Putin utiliza algumas vezes a palavra “amigo” para se referir tanto aos norte-americanos em geral quanto a George W. Bush. Isso se deve, por um lado, pelo caráter da conferência (cujo objetivo é estimular a paz entre as nações), e por outro lado em função dos efeitos retóricos desejados (dar a entender que a Rússia não deseja um retorno da Guerra Fria, apesar de suas críticas ácidas contra os EUA). Contudo, Putin deixa claro que existem “assimetrias” na relação entre os dois países e no sistema internacional, e que a Rússia não deixará de levar em conta estas contradições em sua política externa.

“Você sabe – e não terei medo dessa palavra – que apesar de todas nossas discordâncias eu considero o presidente dos Estados Unidos meu amigo. Ele é uma pessoa decente e eu sei que hoje os lobos podem culpar os Estados Unidos por tudo que está sendo feito na arena internacional e internamente. E quando eu falei com ele, ele disse: “eu parto do fato de que a Rússia e os EUA jamais serão oponentes e inimigos novamente.” Eu concordo com ele. Mas eu repito novamente que há simetrias e assimetrias aqui, não há nada pessoal. É simplesmente um cálculo”⁹².

A conclusão acerca do discurso de Putin na conferência de 2007 é que, na sua percepção, existiam conflitos políticos candentes entre a Rússia e os Estados Unidos. E isso se devia, em

⁹¹ No original: “The latest initiatives put forward by American President George W. Bush are in conformity with the Russian proposals. I consider that Russia and the USA are objectively and equally interested in strengthening the regime of the non-proliferation of weapons of mass destruction and their deployment. It is precisely our countries, with leading nuclear and missile capabilities, that must act as leaders in developing new, stricter non-proliferation measures. Russia is ready for such work. We are engaged in consultations with our American friends.”

⁹² No original: “Do you know – and I will not be afraid of the word – that in spite of all our disagreements I consider the President of the United States my friend. He is a decent person and I know that today the wolves can blame the United States for everything that is being done on the international arena and internally. But I know that he is a decent person and it is possible to talk and reach agreements with him. And when I talked to him he said: “I proceed from the fact that Russia and the USA will never be opponents and enemies again”. I agree with him. But I repeat once again that there are symmetries and asymmetries here, there is nothing personal. It is simply a calculation.”

primeiro lugar, ao caráter unilateral da política externa norte-americana. A expansão da OTAN e a intromissão ocidental em governos de países estrangeiros, particularmente aqueles próximos da Rússia, figuram enquanto as principais intransigências cometidas pelos norte-americanos e percebidas enquanto uma ameaça à segurança nacional russa e do sistema internacional no geral. Contudo, Putin demonstra que não existe um antagonismo inconciliável entre os países.

Pelo contrário, ele crê que os países ocidentais e a Rússia “will never be enemies again”, apesar do fato de haverem assimetrias nesta relação. Em síntese: Putin percebe o unilateralismo da política externa ocidental ao afirmar categoricamente quais são as intransigências cometidas pela superpotência norte-americana e seus aliados. Mas mantém o caminho aberto ao diálogo e a cooperação. Este duplo caráter do discurso de Putin evidencia que o chefe de estado procura balancear o poder com os Estados Unidos, que vinha perdendo desde o fim da URSS. Contudo, isso não significa um acirramento de tensões na relação entre os países tal qual o foi durante a Guerra Fria.

Ao analisar historicamente os primeiros dois mandatos de Vladimir Putin como presidente (2000-2007) pode-se perceber que, no seu início, houve uma ênfase maior na dimensão cooperativa na relação Rússia-Occidente, principalmente após a Guerra do Afeganistão; contudo, a nova rodada de expansão da OTAN em 2004 e as revoluções coloridas na Geórgia e na Ucrânia aumentaram uma percepção de ameaça dos países ocidentais à segurança nacional, que resultou em uma maior ênfase na dimensão conflitiva a partir do segundo mandato de Putin. O discurso do chefe de Estado na MSC 2007 apresenta, pela primeira vez, uma crítica de conjunto às políticas ocidentais no plano internacional, denunciando-as como unilaterais e em desacordo com o direito internacional. Contudo, o mesmo discurso demonstrou o interesse russo em não tornar a ter relações de inimizade com os Estados Unidos como o foi na Guerra Fria. Portanto, podemos perceber aí o ocidentalismo moderado de Vladimir Putin: apesar de não desejar opor-se por princípio ao Ocidente, não deixa de manifestar sua oposição ao perceber sua segurança nacional ameaçada. O fato de primeiro, na Guerra do Afeganistão, ter cooperado em larga medida com os EUA, e depois da expansão da OTAN e das revoluções coloridas ter mudado de postura, atesta o caráter pragmático da oposição russa ao Ocidente, e não por princípio.

2 CAPÍTULO 2: A PARCERIA MEDVEDEV-PUTIN E AS CONFERÊNCIAS DE SEGURANÇA DE MUNIQUE DE 2015 E 2016

Seguindo estrutura semelhante à do capítulo anterior, o capítulo 2 pretende reconstituir os eventos históricos de 2008 a 2015 que levaram à um aprofundamento de tensões entre a Rússia e os países ocidentais. Posteriormente, e tendo em vista esta contextualização histórica, será analisado, primeiramente, o relatório da MSC 2015, junto do discurso do secretário de estado Sergei Lavrov na conferência. E depois será analisado o relatório da MSC 2016 junto do discurso do primeiro ministro Dmitri Medvedev.

2.1 Os anos de Medvedev na Rússia e Obama nos EUA

Os anos que vão de 2000 a 2007, e que tiveram George W. Bush como presidente dos EUA e Vladimir Putin como presidente foram marcados por uma crescente espiral do antagonismo entre a Rússia e os países ocidentais que culminou, como vimos anteriormente, no discurso de Putin na Conferência de Segurança de Munique em 2007. Durante a década, se as coisas começaram razoavelmente bem com ajuda da Rússia aos Estados Unidos no combate contra o terrorismo na Guerra do Afeganistão (2001), a partir da Guerra do Iraque (2003) as diferenças de interesse entre os países começaram a se acentuar cada vez mais. Entre 2004 e 2007 a relação entre a Rússia e o Ocidente fica cada vez mais tensa em função da continuidade do projeto de expansão da OTAN para os países do leste-Europeu; da instalação de um escudo antimíssil balístico na Polônia; e a promoção dos *regime changes*, ou “Revoluções Coloridas”, em países próximos politicamente da Rússia como Geórgia e Ucrânia.

No entanto, a mudança de governo nos dois países que ocorre no fim da década de 2000 foi vista inicialmente com esperança pela comunidade internacional como possível forma de diminuir o nível de tensão entre as potências. De um lado, Dmitry Anatolyevich Medvedev assume a presidência da Rússia em 2008 e, um ano depois, o democrata Barack Obama substitui o republicano George W. Bush nos Estados Unidos. Obama era visto pelos russos como menos “falcão” do que o era George W. Bush⁹³. Esta expressão (falcão) se refere a ideologia neoconservadora do Partido Republicano dos EUA que concebe uma missão norte-americana em exportar a paz democrática para os 4 cantos do mundo, discurso que serviu como chancela moral para os Estados Unidos invadirem o Iraque, Afeganistão, entre outros países, afim de garantir sua predominância na região do Oriente Médio. Obama foi eleito como um crítico feroz da invasão do Iraque levada a cabo pelo governo Bush e se comprometeu a retirar o mais rápido possível as tropas norte-americanas do país, e de fato o fez. Em função desse caráter, aparentemente, mais democrático em termos de política internacional, muitas expectativas foram geradas quanto a possibilidade de destensionamento entre Rússia e Ocidente nesta nova etapa⁹⁴. Da mesma forma, a eleição de Medvedev em 2007 gerou diversas boas expectativas nesse sentido. Como foi colocado no capítulo anterior, é preciso compreender o governo Putin enquanto um equilíbrio entre o setor civil e o setor *siloviki* (ligado a segurança e inteligência

⁹³ SEGRILLO, Angelo. *De Gorbachev a Putin: a saga da Rússia do Socialismo ao Capitalismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2015, p.199.

⁹⁴ SEGRILLO, Angelo. *De Gorbachev a Putin: a saga da Rússia do Socialismo ao Capitalismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2015, p.200.

¹⁰⁵ Idem, p.196.

estatal). Muitos acreditavam que, pelo fato de as relações com os Estados Unidos estarem se deteriorando, Putin iria escolher enquanto seu sucessor (ele tinha popularidade e poder partidário suficiente para indicar a sucessão) Sergey Ivanov, ligado ao setor *siloviki*. Mas de forma contrária ao que a maioria dos analistas acreditavam, foi escolhido o civil Medvedev, que era visto por muitos enquanto um liberal e ocidentalista. Segrillo explica que:

“(...) Putin não prega um governo de puros silovikis e sim equilibra elementos siloviki com elementos civis mais liberais, talvez a escolha de Medvedev signifique que o projeto de longo prazo de Putin para a Rússia não é um estado autoritário militarista mas sim uma democracia (provavelmente não liberal) conservadora para a Rússia. Alguns autores utilizam o termo *upravlyamaya demokratiya* (“democracia dirigida”) para descrever o regime russo sob Putin”¹⁰⁵.

Ou seja, as razões que levaram à indicação do próximo presidente não são tomadas apenas em função das questões relativas à política internacional, mas também com os projetos políticos internos da Rússia. Apesar de Medvedev ser considerado mais ocidentalista do que Putin, seu governo trilhou um caminho muito similar ao do seu antecessor, até porque Putin permaneceu no governo como primeiro ministro, localização que lhe permitiu objetivamente intervir de forma direta na política do governo. Na Rússia, o sistema político funciona como uma espécie de semipresidencialismo, em que o presidente é o responsável pela política externa e a atuação internacional do país enquanto o primeiro ministro é o responsável pela política interna. Em função disso, o intervalo de tempo em que Medvedev governou a Rússia (2008-2011) é considerado enquanto uma continuidade dos governos anteriores de Putin de 2000 a 2007⁹⁵.

Em determinados aspectos, houve de fato, na relação entre a Rússia e os Estados Unidos, uma diminuição das tensões políticas e um aumento das iniciativas de cooperação em comparação com os últimos 4 anos do ex-governo Putin (2004-2007):

“Abriram-se expectativas de que as relações entre Rússia e EUA pudessem se tornar menos tensas tendo Obama e Medvedev como presidentes em comparação ao período dos segundos mandatos presidenciais de Bush e Putin. (...) A ideia era que as relações entre EUA e Rússia deveriam ter um reinício de modo menos tenso e belicoso. E, realmente, uma série de iniciativas, como as visitas de Medvedev aos EUA, a

⁹⁵ SEGRILLO, Angelo. *De Gorbachev a Putin: a saga da Rússia do Socialismo ao Capitalismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2015, p.194. ¹⁰⁷ Idem, p.205.

assinatura do tratado de redução de armamento NEW START (entre EUA e Rússia em 8 de abril de 2010) e o fato de Obama primeiro adiar e depois cancelar os planos americanos para a instalação do sistema antimísil na Polônia e República Tcheca pareciam indicar a possibilidade de melhora na relação entre os dois países. Posteriormente tensões de outra natureza acabariam se imiscuindo na relação russoamericana de novo”¹⁰⁷.

Mas isso também não quis dizer um “cessar-fogo” total nos enfrentamentos internacionais entre ambas as potências. Na cúpula da OTAN de 2008, em Bucareste, a administração Bush defendeu explicitamente a entrada da Geórgia e Ucrânia na aliança atlântica, a despeito do posicionamento de Alemanha e França que eram contrárias a admissão dos dois países em função de possíveis retaliações russas⁹⁶. Na ocasião, o próprio representante das relações exteriores da Rússia, Grushko, afirmou que esta expansão da OTAN para dois países fronteiriços com a Rússia e de alta relevância estratégica e geopolítica iria desestabilizar fortemente a região. Já Putin afirmou categoricamente que este avanço seria considerado uma “ameaça direta a Rússia”¹⁰⁹. Portanto, o que Segrillo aponta como “tensões de outra natureza” representam o objetivo irredutível dos Estados Unidos em continuar a avançar a OTAN até as fronteiras russas.

Conforme aponta Moniz Bandeira, o governo de Barack Obama manteve diversos aspectos imperialistas da política externa de George W. Bush. Obama continuou o projeto da freedom agenda iniciada pelos neoconservadores e manteve um alto grau de financiamento nas suas operações. De 2002 a 2012, houve um investimento de “cerca de US\$ 580 milhões destinados a mais de 680 projeto em 18 países e territórios por meio do seu quartel-general em Washington e dos escritórios regionais em Tunis e Abu-Dhabi (...)”⁹⁷. Como já havia sido alertado por Putin em 2007, este projeto de “expansão da democracia” levado a cabo pelo exército norte-americano não agradava nem um pouco à Rússia, principalmente se ocorria em sua esfera de influência.

Logo ao assumir a presidência, Medvedev teve de responder à uma situação muito delicada e que afetou significativamente a relação entre a Rússia e os países ocidentais: a Guerra da Geórgia (2008). Na ocasião, o presidente Mikheil Saakashvili (que chegou ao poder após a

⁹⁶ MEARSHEIMER, John J. *Why the Ukraine crisis is the West's fault: the liberal delusions that provoked Putin*. Foreign Affairs, September/ Oktober, 2014.

¹⁰⁹ Idem.

⁹⁷ BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Segunda Guerra Fria*. Elsevier: São Paulo, 2013, p.238.

Revolução Rosa de 2003), invade a província rebelde da Ossetia do Sul, afim de reincorporá-la ao Estado georgiano. Desde a independência da Geórgia em 1991, houveram muitos conflitos entre o poder federal e as províncias separatistas, em especial a Ossetia do Sul e Abecasia. Além da Geórgia ter fronteira com a Rússia e se localizar em um território extremamente estratégico de um ponto de vista geopolítico para o controle do Cáucaso, a província da Ossetia do Norte fica dentro da Rússia, ou seja, existe grande trânsito de russos entre as duas Ossetias. Afim de evitar a perda ainda maior de controle sobre a região e, de acordo com o discurso oficial da presidência, garantir a proteção dos cidadãos russos que habitam a Ossetia, Medvedev decidiu intervir no conflito e invadiu a Geórgia no mesmo dia em que Saakashvili decidiu invadir a Ossetia do Sul. A guerra demorou apenas 5 dias e terminou com um cessar-fogo mediado pelo presidente francês Nicolas Sarkozy⁹⁸.

Liderados pelos Estados Unidos, as Nações Unidas não reconheceram a independência das províncias rebeldes de Ossetia do Sul e Abecasia, algo esperado dado que os norte-americanos apoiavam o governo de Sakaashvili. Segundo John Mearsheimer, a ação russa na Geórgia em 2008 serviu para demonstrar ao Ocidente que não era uma simples ameaça a afirmação de Putin que a Rússia não iria tolerar mais a expansão da OTAN na direção de suas fronteiras⁹⁹.

O período em que Medvedev presidiu a Rússia também foi marcado pela enorme crise econômica mundial, que se originou na crise hipotecária norte-americana entre 2007 e 2008 e se alastrou posteriormente para os demais países. Em um primeiro momento, a crise se concentrou no centro do sistema mundial, principalmente os EUA e a Europa Ocidental. Contudo, os demais países da periferia do sistema aos poucos também começaram a sentir os efeitos da crise, inclusive a Rússia. Em 2009, o PIB russo teve queda de 7,8%, seguido de baixo crescimento nos anos seguintes¹⁰⁰.

Boa parte da popularidade conquistada por Putin, e herdada por Medvedev, se dava em função das significativas melhoras econômicas as quais passou a Rússia a partir de seu governo. Essa popularidade fez com que a oposição tivesse pouca relevância tanto no parlamento quanto nas mobilizações de rua. Porém, com a intensificação da crise econômica dentro da Rússia em

⁹⁸ SEGRILLO, Angelo. *De Gorbachev a Putin: a saga da Rússia do Socialismo ao Capitalismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2015, p.194.

⁹⁹ MEARSHEIMER, John J. *Why the Ukraine crisis is the West's fault: the liberal delusions that provoked Putin*. Foreign Affairs, September/ Oktober, 2014.

¹⁰⁰ SEGRILLO, Angelo. *De Gorbachev a Putin: a saga da Rússia do Socialismo ao Capitalismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2015, p.199. ¹¹⁴ Idem, 208.

2009, as coisas começam a mudar e passam a ocorrer grandes manifestações de oposição ao partido do governo “Rússia Unida” após as eleições parlamentares em 2011 e a presidencial em 2012. Depois que o partido de Putin conquistou 49% das cadeiras no parlamento, ocorreram diversas denúncias que acusavam fraudes eleitorais e a ilegitimidade no processo. Organizadas via internet, as mobilizações chegaram a reunir 50 mil pessoas em Moscou e tiveram momentos grandes de radicalização¹¹⁴. Após a eleição de Putin em 2012, este tratou os manifestantes com muito mais repressão do que o seu antecessor Medvedev. Para ele, estas mobilizações tinham muito em comum com as “Revoluções Coloridas” ocorridas na Sérvia, Geórgia e Ucrânia em anos anteriores e, portanto, na sua visão, estavam sendo alavancadas pelo Ocidente enquanto forma de enfraquecer a Rússia.

“Por trás deste ‘confrontacionismo’ de Putin em relação aos protestos de rua está uma discussão que virou simbólica e que divide o país: o papel das chamadas Revoluções Coloridas. Segundo Putin e seus seguidores, as revoluções populares que derrubaram os governos supostamente autoritários de Slobodan Milosevich na Sérvia, de Viktor Yanukovich na Revolução Laranja na Ucrânia em 2004-2005, e substituíram o presidente Shevarnadze por Saakashvili na Revolução Rosa na Geórgia em 2003-2004 foram, na verdade, orquestradas com ajuda de ONGs e governos ocidentais que financiavam grupos e programas para ‘promoção da democracia’. Em todas estas revoluções coloridas, os antigos governantes foram substituídos por novos líderes mais abertos ao Ocidente. Putin desconfia que os protestos de rua na Rússia em 2011-2012, na verdade, seguem o mesmo padrão e tinham como objetivo substituir um líder independente na Rússia por um mais favorável aos governos ocidentais. Daí a decisão de Putin de partir para o confronto (e não uma conciliação) com os movimentos oposicionistas de 2011-2012.”¹⁰¹

Em meio à grande desconfiança por parte do governo russo em relação à provável intervenção norte-americana em seu sistema político interno, eclode no mundo árabe, da ponta esquerda do norte da África até a ponta direita do Oriente Médio, um processo revolucionário de grandes proporções que atinge, em diferentes níveis, todos os países dessas regiões: a *Primavera Árabe*. De acordo com autores como Moniz Bandeira e Paulo Fagundes Visentini, a *Primavera Árabe* se deu em função de dois fatores: o primeiro fator, objetivo, é o grande desemprego e inflação nos países da região (que aprofundaram significativamente após a crise

¹⁰¹ SEGRILLO, Angelo. *De Gorbachev a Putin: a saga da Rússia do Socialismo ao Capitalismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2015, p.214.

econômica mundial de 2008), aliado às práticas autoritárias e a corrupção sistêmica dos governos; e o segundo fator, subjetivo, foi a existência de organizações conspiratórias que estavam se preparando para uma possível insurgência desde anos antes de 2011: de um lado as organizações fundamentalistas e extremistas islâmicas (como a AlQaeda, Irmandade Muçulmana, entre outros), e por outro lado ONGs e grupos de ativistas pro-Ocidente financiados pelos próprios países ocidentais¹⁰².

Tudo começou na Tunísia quando, em dezembro de 2010, Mohamed Bouazizi imolou a si próprio em frente ao palácio do governo. Bouazizi era um comerciante autônomo que teve suas mercadorias apreendidas arbitrariamente pela polícia em busca de propina. Sem poder sustentar nem a si nem sua própria família, em desespero, decidiu morrer como mártir em frente ao palácio do ditador Ben-Ali que estava no poder desde 1987. Este fato levou a uma erupção social de proporção nacional e um levante que levou Ben-Ali em 14 de janeiro de 2011 ao exílio na Arábia Saudita, abdicando da posição de presidente tunisiano.

Em poucas semanas, a onda de protestos que acontece na Tunísia se espalhou para o Egito e, coincidentemente, no mesmo dia em que caiu o ditador Ben-Ali, começam manifestações radicalizadas no Cairo contrárias ao ditador Hosni Mubarak. Em pouco tempo, as manifestações que iniciaram no Cairo se nacionalizaram e, no dia 25 de janeiro, apenas 11 dias após o começo de tudo, Mubarak abdica da presidência e passa o poder ao exército¹⁰³.

O fato é que, ambos os governos tunisiano de Ben-Ali e egípcio de Mubarak tinha ótimas relações com os Estados Unidos. Ao passo que os EUA prestavam auxílio financeiro e militar para Tunísia e Egito, estes acompanhavam seus desígnios na política econômica interna e na política internacional. Este alinhamento com os norte-americanos fez em muito crescer a oposição islâmica e fundamentalista aos governos de Ben-Ali e Mubarak. Em primeiro lugar, pois os EUA exigiam apoio de ambos os governos ao Estado de Israel, um pecado mortal para a oposição fundamentalista. Por outro lado, os EUA também impuseram um pacote de austeridade fiscal severo após a crise de 2008 que fez decair significativamente o nível de vida da população, que já era deplorável¹⁰⁴.

¹⁰² VISENTINI, Paulo Fagundes. *A Primavera Árabe: entre a democracia e a geopolítica do petróleo*. Leitura XXI: Porto Alegre, 2012, p.160.

¹⁰³ BANDEIRA, Moniz. *A Segunda Guerra Fria: Geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos. Das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p.238.

¹⁰⁴ BANDEIRA, Moniz. *A Segunda Guerra Fria: Geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos. Das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p.239.

Apesar de apoiar durante muitos anos as ditaduras da Tunísia e Egito, os embaixadores e diplomatas norte-americanos nos países avisaram ao governo dos EUA que a oposição a Ben-Ali e Mubarak crescia substancialmente desde 2008. Inclusive, em 2008, o próprio ditador tunisiano disse a David Welch, secretário de Estado assistente dos Estados Unidos, que era uma questão de tempo até a Irmandade Muçulmana tomar o poder no Egito¹⁰⁵. Isso fez com que os EUA, antecipando o provável levante no mundo árabe, ativassem o trabalho político das ONGs e dos ativistas pro-Occidente dentro dos países da região.

“Desde a aprovação pelo Congresso do FY2005 Consolidated Appropriations Act (P.L. 108-447), os Estados Unidos haviam passado a financiar ONGs como Freedom Foundation e outras no Egito, através da USAID, assessorados por um conselho de ativistas, de acordo com o Anual Program Statement (APS), sem consultar o governo de Hosni Mubarak.”¹⁰⁶

Se na Tunísia e Egito os Estados Unidos coadunaram com os levantes que derrubaram as ditaduras por movimentos islâmicos conservadores, na Líbia e Síria os norte-americanos apoiaram abertamente movimentos terroristas financiados pela Arábia Saudita, como a AlQaeda e a Frente Al-Nusra. Para isso, segundo Bandeira, os serviços de inteligência efetuaram exaustivo trabalho de contrainformação através das mídias ocidentais, propagando a ideia de que as condições revolucionárias de Tunísia e Egito eram as mesmas de Líbia e Síria.

“As manifestações de protesto, iniciadas na Tunísia e no Egito, ao se alastrarem à Líbia e a Síria, converteram-se em “hot revolutionary war”, na medida em que as atividades se tornaram ilegais e violentas. Essa transmissão de “Peace” para “hot”, explicou o coronel David Galula, podia ser gradual e confusa, como realmente se processou e era certamente esperado. E o fato foi que o MI6 e o U.S. Army Civil Affairs and Psychological Operations Command (USACAPOC) usaram a mídia internacional como veículo de desinformação e contrainformação, mascarando o envolvimento direto e/ou indireto dos Estados Unidos e de seus aliados europeus.”¹⁰⁷

¹⁰⁵ Idem, p.238.

¹⁰⁶ Idem, p.244.

¹⁰⁷ BANDEIRA, Moniz. *A Segunda Guerra Fria: Geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos. Das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p.268.

¹²² Idem, p.259.

A Líbia era um Estado com forte herança tribal, em que o general Gadaffi funcionava como um elo de unidade entre as diversas facções em disputa pelo poder e que se concentram no vasto território desértico do país. Apesar de, inicialmente, Gadaffi ter se constituído enquanto uma força contrária aos interesses norte-americanos e ocidentais na região da África Setentrional, com o fim da URSS e ao passo que se viu cada vez mais isolado, Gadaffi passou a estabelecer uma relação mais branda e de cooperação com os ocidentais. Em função disso, o conservadorismo e fundamentalismo islâmico passaram a se opor de forma cada vez mais enfática ao regime, principalmente com a deterioração do nível de vida da população após a crise de 2008. Após o início do levante, que se deu a partir de 13 de janeiro, a OTAN passou a prestar apoio logístico e militar para o Grupo de Combate Islâmico Líbio, que já havia tentado uma investida contra o governo na década de 1990, era ligado à Al-Qaeda, e uma das principais forças do levante. Da mesma forma que na Tunísia e no Egito, apesar de os EUA terem boas relações com Gadaffi, o embaixador norte-americano na Líbia informou a crescente insatisfação da população com o governo em 2008, e por isso passa a haver um trabalho de *regime change* controlado pelos norte-americanos¹²².

Já na Síria, cujo governo era amigo do Irã no Oriente Médio e tinha uma forte postura anti-Israel, estava na mira dos Estados Unidos desde a Guerra do Iraque e o início da *freedom agenda*. Além do fato que o domínio de seu território significasse um cerco completo da OTAN no Mediterrâneo, os ganhos geopolíticos para os Estados Unidos seriam diversos, inclusive em sua contenda contra a Rússia.

“A queda do regime de Bashar al-Assad, após a derrubada de Muamar Gaddafi, na Líbia, pelas forças da OTAN, permitiria suprimir a presença da Rússia, de suas bases navais na Síria (Tartus e Latakia); cortar as vias de suprimento de armas para o Hizballah, baluarte dos xiitas contra as investidas de Israel no sul do Líbano; conter o avanço da China sobre as fontes de petróleo; isolar completamente e estrangular o Irã, com a consequente eliminação do governo islâmico (xiita) de Mahmoud Ahmadinejad”¹⁰⁸.

Portanto, a hegemonia norte-americana sobre um hipotético governo pós-Assad na Síria alteraria significativamente a correlação de forças no Oriente Médio em favor da aliança comandada pela Arábia Saudita e apoiada pelos Estados Unidos. Além deste cenário representar

¹⁰⁸ BANDEIRA, Moniz. *A Segunda Guerra Fria: Geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos. Das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p.343.

um aumento gigantesco da hegemonia norte-americana na região, a Rússia perderia as suas bases navais que tem nos portos de Tartus e Latakia. Estes portos são de fundamental importância para a Rússia pois, dentro de seu território, o país eurasiático não tem nenhum porto de águas mornas com saída para o oceano. O porto de Sebastopol fica no mar negro e, portanto, não tem acesso ao mediterrâneo. Sua maior estação portuária, em Vladivostok, funciona apenas metade do ano em função das temperaturas muito baixas que congelam as águas da região durante meses¹⁰⁹.

Em função destas consequências geopolíticas, tanto a Rússia como a China utilizaram seu poder de veto no Conselho de Segurança da ONU para bloquear qualquer tentativa dos EUA de tirar Assad do poder¹¹⁰. A partir de então, a Rússia se tornou o bastião político de apoio internacional a Bashar al-Assad e lhe prestou auxílio militar, financeiro e de logística durante a guerra civil que se iniciou em 2011 no país e se estende até hoje. Em função da determinação russa em impedir a queda de Assad na Síria, as relações entre Putin e o mundo Ocidental sofreram grande abalo e passaram a ser um dos principais temas nas discussões sobre segurança internacional, como será evidenciado na análise das Conferências de Segurança de Munique de 2015 e 2016.

Além do acirramento das tensões entre Rússia e EUA na guerra civil Síria, outro episódio de conflito com o Ocidente ocorrido no terceiro mandato de Putin como presidente foi a guerra civil da Ucrânia (2014). Como vimos anteriormente, em 2004 ocorreu a Revolução Laranja na Ucrânia que levou o presidente pro-Rússia Yanukovich a abdicar e ser substituído pelo candidato pro-Ocidente Yushchenko. A população, instigada pelas ONGs e pela mídia ocidental a se insurgir contra Yanukovich em 2004, entretanto, voltou a reeleger-lo em 2010 após as condições de vida da população não terem melhorado e os casos de corrupção não haverem cessado, como o foi prometido por Yushchenko.

“Em 7 de fevereiro de 2010 Viktor Yanukovich venceu a eleição presidencial na Ucrânia. (...) O governo de Yushchenko, vítima de crise econômica e acusado de não ter conseguido melhorar a situação do país, se tornou impopular, o que levou a vitória de Yanukovich em 2010. Este imediatamente começaria a seguir um caminho mais pro-Rússia que seu antecessor.”

¹⁰⁹ MARSHALL, Tim. *Russia and the course of geography. Want to understand why Putin does what he does? Look at a map*. The Atlantic, 31 Outubro. Disponível em: <http://www.theatlantic.com/international/archive/2015/10/russia-geography-ukraine-syria/413248/>

¹¹⁰ VISENTINI, Paulo Fagundes. *A Primavera Árabe: entre a democracia e a geopolítica do petróleo*. Leitura XXI: Porto Alegre, 2012, p.140.

Esta virada pró-Rússia que o novo governo de Yanukovich passaria a ter a partir de 2010 foi o embrião do que se poderia entender como a “segunda” revolução laranja da Ucrânia que ocorreu em janeiro de 2014. Da mesma forma que em 2004, a revolução se deu por dois motivos: em primeiro lugar, a divisão histórica dentro da Ucrânia entre aqueles que defendem uma aproximação maior com a Europa Ocidental e aqueles que defendem uma aproximação maior com a Rússia; e por outro lado, o financiamento de ONGs e fundações privadas ocidentais que estimulam a deposição de governos contrários aos interesses geopolíticos dos Estados Unidos e demais países ocidentais.

Contudo, a diferença entre as revoluções de 2004 e 2014 reside na causa de seu estopim: enquanto da primeira vez ela se deu em função de fraudes eleitorais, na segunda foi pela suspensão do acordo da Ucrânia com a União Europeia por Yanukovich. A UE, assim como a OTAN, também vinha se expandindo na em direção ao leste, dentro da *cortina de ferro*, e a Rússia, portanto, via a UE como ponto de apoio da OTAN na sua expansão militar para o leste europeu¹¹¹.

A suspensão do Acordo de Associação e de Livre Comércio com a UE, em novembro de 2013, levou à explosão de uma série de protestos de massa, a maioria localizados na capital Kiev e no oeste do país. Violentos, os confrontos entre a polícia e os manifestantes levaram à centenas de mortes ao longo de 3 meses. Em fevereiro de 2014, o presidente Yanukovich deixa Kiev e parte para o exílio na Rússia¹¹².

A divisão histórica que existe na sociedade ucraniana se deu de forma mais acentuada na revolução de 2014 do que na de 2004. Desta vez, ocorreu uma violenta cizânia entre os revolucionários de Kiev e a população que mora no leste do país, território que tem grande porcentagem de população de origem russa. Com a queda de Yanukovich, cidades do leste foram tomados por rebeldes contrários ao que eles consideraram um golpe contra o presidente democraticamente eleito. As regiões de Luhansk e Donetsk foram tomadas pelos rebeldes e desde então se encontram em guerra contra o novo governo ucraniano de Petro Poroshenko¹¹³. Além das duas principais regiões do leste da Ucrânia terem sido tomadas por rebeldes, a Rússia, em março de 2014, decidiu invadir militarmente a Crimeia e anexa-la à seu território após um plebiscito que questionava se os moradores do local desejavam permanecer ucranianos ou

¹¹¹ MEARSHEIMER, John J. *Why the Ukraine crisis is the West's fault: the liberal delusions that provoked Putin*. Foreign Affairs, September/ Oktober, 2014.

¹¹² KALB, Marvin. *New Cold War*. Washington: Brookings, 2015, p.162.

¹¹³ KALB, Marvin. *New Cold War*. Washington: Brookings, 2015, p.170.

tornarem-se russos. Como a grande maioria da população da cidade é russa ou de ascendência russa, a saída da Ucrânia venceu com grande vantagem. Mas essa manobra geopolítica não veio sem seu preço¹¹⁴.

Imediatamente, os EUA e países da Europa Ocidental defenderam, e aplicaram, sanções econômicas contra a Rússia como retaliação pela anexação da Criméia ao seu território. Segundo o Ocidente, o plebiscito foi ilegítimo por ter sido feito com tropas russas no local, o que não garantiu a segurança da campanha opositora à anexação, portanto, ilegítimo. Estas sanções, que ainda persistem, vêm atrapalhando ainda mais a recuperação russa da crise econômica que assola o país desde 2008 e serviu pra acirrar ainda mais as tensões políticas entre a Rússia e os países ocidentais¹¹⁵.

O conflito na Ucrânia, rapidamente, espalhou instabilidade para toda região do leste Europeu. Segundo o presidente da Lituânia, Dalia Grybauskaite, o primeiro estágio da confrontação entre seu país e a Rússia já começou: trata-se de guerras híbridas. Este tipo de guerra é marcada por um conjunto de métodos convencionais e não convencionais de guerra. Isso quer dizer que, aliado às ações militares, aplicam-se guerras de informação, propaganda, cyberataques, entre outros métodos para preparar uma possível ação futura ou simplesmente desestabilizar outros países politicamente. Um dos argumentos utilizados por Putin para defender os rebeldes de Luhansk e Donetsk na Ucrânia é a alta quantidade de russos habitando a região. Este fenômeno também ocorre em diversos outros países do leste europeu, que se sentem agora ameaçados por uma possível invasão da Rússia sob o pretexto de defender seus cidadãos¹¹⁶.

Muitos autores apontam que a crise da Ucrânia pós 2014 se deu em função das pretensões imperiais da Rússia no sentido de recuperar a influência perdida após o fim da URSS nos países do leste europeu. Um dos defensores da ideia que há uma “nova Guerra Fria”, Marvin Kalb, enxerga dessa maneira. Ao invadir e anexar ilegalmente a península da Crimeia ao território russo e enviar soldados e financiamento para os rebeldes das províncias de Donetsk e Luhansk, Putin estaria impedindo a Ucrânia de exercer sua soberania nacional para escolher o arco de alianças que deseja fazer internacionalmente.

¹¹⁴ Idem, p.167.

¹¹⁵ PLEKHANOV, Sergei. Assisted suicide: Internal and external causes of the Ukrainian Crisis. In: BLACK, J.L.; JONES, Michael. *The return of the Cold War: Ukraine, the West and Russia*. Routledge: New York, 2016, p.52.

¹¹⁶ KALB, Marvin. *New Cold War*. Washington: Brookings, 2015, p.235.

Já o neorrealista John Mearsheimer vai na direção oposta de Kalb. Segundo ele, a expansão da OTAN e da União Europeia no pós-Guerra Fria para o leste europeu é o equivalente, de forma hipotética, à inclusão do Canadá e o México no Pacto de Varsóvia caso fosse a URSS que tivesse ganho a Guerra Fria. Trata-se um território geopoliticamente estratégico do ponto de vista da segurança nacional russa. Ou seja, esta é uma analogia para demonstrar que o Ocidente desrespeitou a esfera de influência histórica da Rússia ao promover a expansão de suas instituições políticas e militares na região. Portanto, o afastamento russo do Ocidente e as respostas militares contra essa expansão são consequências naturais da política ocidental pós-Guerra Fria¹¹⁷.

2.2 A MSC 2015

Os relatórios lançados anualmente após a Conferência de Segurança de Munique servem como um guia para compreender os principais tópicos discutidos no encontro. De acordo com o presidente da organização, Wolfgang Ischinger, o objetivo dos relatórios é que cada vez mais estes se tornem uma ferramenta importante para a compreensão dos principais dilemas securitários e conflitos internacionais contemporâneos. Longe de expor uma perspectiva neutra, os relatórios reproduzem a visão de seus organizadores em torno dos atuais problemas de segurança internacional, que converge muitas vezes com a perspectiva ocidental e liberal em relação aos temas. Afinal de contas, a Conferência foi criada por pessoas que compartilham desta visão de mundo em particular e, inclusive, o presidente Ischinger é um ex-diplomata alemão. Contudo, a parcialidade do relatório não invalida a utilização do documento enquanto fonte para pensar as relações internacionais contemporâneas. Além de rico conteúdo objetivo e estatístico quanto aos atuais problemas de segurança internacional, os relatórios servem para compreender como parte da elite da comunidade europeia enxerga os atuais conflitos entre os Estados, apesar deste não ser o foco da monografia.

Em sua introdução, o relatório da conferência aponta que houve um significativo aumento dos problemas securitários no ano de 2014. E o que é pior: a eminência destes problemas tinha sido ignorada pelos *decision makers* das grandes potências. Nesse sentido, duas situações que ocorreram em 2014 foram percebidas pelo relatório da conferencia enquanto as principais ameaças à ordem global: a guerra civil da Ucrânia e a ascensão do Estado Islâmico.

¹¹⁷ MEARSHEIMER, John J. *Why the Ukraine crisis is the West's fault: the liberal delusions that provoked Putin*. Foreign Affairs, September/ Oktober, 2014.

Ambos pareciam poder ser resolvidos no curto prazo na visão dos chefes de Estado e, surpreendentemente, tornaram-se enormes engodos da política internacional. Este fato é importante, na visão dos organizadores, pois evidencia o atual despreparo dos atores internacionais em identificar e resolver de forma rápida e eficiente os principais problemas que ameaçam a ordem mundial.

Um destes engodos, que tem significativo potencial destabilizador do Sistema internacional, é o acirramento de tensões entre Rússia e Ocidente que ocorre após a Guerra da Ucrânia. A anexação russa da Crimeia, unilateral do ponto de vista dos organizadores da MSC, e as sanções econômicas defendidas pelos EUA e aplicadas contra a Rússia geraram uma intensificação do escalonamento militar no leste-Europeu. Na sua visão, todos os avanços nessa relação que vinham ocorrendo desde o fim da Guerra Fria simplesmente degingolaram após os primeiros meses de 2014 com o conflito ucraniano, as velhas tensões que circundavam a cortina de ferro tornam a se manifestar. “Moreover, there is a real danger that we are witnessing the development of a new “cordon sanitaire” between East and West.”¹¹⁸.

Em termos militares, este novo acirramento de tensões entre o Ocidente e a Rússia levou a um despertar da OTAN. Em outubro de 2014 ocorreu o encontro da aliança na cidade de Walles, Irlanda, quando foi declarada ameaçada a segurança europeia em função dos eventos na Ucrânia. O relatório destaca que os dirigentes da OTAN passaram a se colocar a possibilidade real de a Rússia exercer uma guerra híbrida dentro de países que pertencem à aliança, da mesma forma que exerceu na Ucrânia, evento hipotético que colocaria uma guerra contra a Rússia uma possibilidade real. Portanto, a orientação foi que era necessária uma intensificação das atividades da aliança na região.

“2014 became a wake-up call for NATO and turned the Wales Summit into the probably most important Alliance summit since the end of the Cold War. In light of Russia’s application of “hybrid” warfare in Ukraine and President Putin’s stated position that Russian-speaking populations everywhere should receive protection by Russia, NATO members had to ask themselves whether they were prepared for defending against a similar Russian playbook on their territory”¹¹⁹.

¹¹⁸ Relatório Conferência de Segurança de Munique 2015, p.26. Disponível em: <http://www.eventanizer.com/MSC2015/MunichSecurityReport2015.pdf>

¹¹⁹ Relatório Conferência de Segurança de Munique 2015, p.26. Disponível em: <http://www.eventanizer.com/MSC2015/MunichSecurityReport2015.pdf>

Apesar de o relatório abordar ampla gama de assuntos relativos aos problema securitários contemporâneos, como a ascensão do Estado Islâmico, interessa à presente monografia destacar a forma com que os organizadores do evento perceberam os impactos da Guerra civil da Ucrânia iniciada em 2014. A intensificação da corrida militar entre OTAN e Rússia no leste da Europa, assim como as sanções econômicas contra o país eurasiático, estavam criando um clima de tensionamento internacional entre as grandes potências cujas consequências, ainda indefinidas, poderiam levar ao alastramento da guerra para outros países da região do leste e, portanto, para todo continente.

2.3 *O discurso do secretário de relações exteriores Sergei Lavrov*

Se em 2007 Putin afirmou que seria sincero e não iria ser excessivamente diplomático ao expor sua opinião quanto aos problemas contemporâneos da segurança internacional, o então secretário de relações exteriores Sergei Lavrov também não demonstrou nenhum constrangimento em apontar diretamente os Estados Unidos e as potências da Europa Ocidental como responsáveis pelo acirramento da crise internacional gerada pela continuidade da Guerra Civil Síria e, principalmente, com a Guerra civil da Ucrânia iniciada em 2014. Inclusive, recorda os avisos feitos por Putin em 2007:

“(...) os desenvolvimentos do ano passado confirmaram a justeza de nossas advertências contra os problemas profundos, sistêmicos, na organização da segurança europeia e nas relações internacionais em geral. Eu gostaria de os lembrar do discurso proferido pelo presidente russo Vladimir Putin sobre esses temas ainda é relevante, oito anos depois.”¹²⁰

Para Lavrov, o colapso da ordem global enquanto resultado dos conflitos internacionais de 2014, apontado pelo presidente da MSC Wolfgang Ischinger em seu discurso de abertura, na verdade tem razões mais profundas. É consequência inevitável da forma com que o Sistema Internacional vinha sendo liderado pelos Estados Unidos e os países Ocidentais desde o fim da Guerra Fria. Neste ponto, Lavrov é pontual ao afirmar que os Estados Unidos vêm minando os

¹²⁰ No original: “ (...) the last year’s developments confirmed the correctness of our warnings against profound, systemic problems in the organisation of European security and international relations in general. I would like to remind you of the speech delivered by Russian President Vladimir Putin from these stands eight years ago.”

princípios norteadores do direito internacional que buscam garantir a estabilidade do Sistema Internacional.

“A estrutura de estabilidade, baseada na Carta das Nações Unidas e nos princípios de Helsinki, vem sendo minada pelas ações dos Estados Unidos e seus aliados na Iugoslávia, que foi bombardeada, assim como no Iraque e na Líbia, a expansão da OTAN para o leste e a criação de novas linhas de separação. O projeto de construir uma “casa comum europeia” falhou porque nossos parceiros ocidentais foram guiados por ilusões e crenças de ganhadores da Guerra Fria, em vez de interesses em construir uma arquitetura aberta de segurança, com mútuo respeito de interesses”¹²¹.

Para Lavrov, ao perceber que haviam “ganho” a Guerra Fria, os Estados Unidos e os países Ocidentais passaram a construir uma ordem internacional independente dos interesses das demais potências, entre elas a Rússia. Na perspectiva de Lavrov, e em contradição com a perspectiva ocidental, a crise europeia advinda da crise na Ucrânia (2014) resulta de uma ação deliberada da União Europeia de distanciar-se dos russos e intimidar os seus países vizinhos (Ucrânia, Lituânia, Polônia, Geórgia, etc.) a escolher entre o bloco ocidental ou a Rússia. O que está implícito nesta afirmação de Lavrov é que a ação russa na Ucrânia em 2014, que implicou na anexação da Criméia, se justifica enquanto uma reação ao unilateralismo da UE em se expandir para os países de sua esfera de influência.

“Há um pináculo no curso perseguido por nossos colegas ocidentais no último quarto de século em preservar sua dominação em assuntos internacionais por todos os meios possíveis, em capturar espaço geopolítico na Europa. Eles exigiram que os países do CEI – nossos mais próximos vizinhos, conectados conosco economicamente, historicamente, culturalmente, e mesmo por laços familiares, por séculos – fizessem uma escolha: “ou com o Ocidente, ou contra o Ocidente”. Essa é uma lógica de soma-zero, que, aparentemente, todos queriam deixar no passado”¹²²

¹²¹ No original: “The structure of stability, based on the UN Charter and the Helsinki principles, has long been undermined by actions of the United States and its allies in Yugoslavia, which was bombed, as well as in Iraq and Libya, NATO’s expansion to the east and the creation of new lines of separation. The project of building a “common European home” failed because our western partners were guided by illusions and beliefs of winners in the Cold War rather than the interests of building an open security architecture with mutual respect of interests.”

¹²² No original: “There is a pinnacle in the course pursued by our western colleagues in the past quarter of a century on preserving their domination in world affairs by all possible means, on seizing the geopolitical space in Europe. They demanded of the CIS countries – our closest neighbours, connected with us by centuries economically, historically, culturally and even in terms of family ties – that they make a choice: “either with the West, or against the West.” This is a zero-sum logic which, ostensibly, everyone wanted to leave in the past.”

Em 2007, Putin já havia alertado sobre os perigos de não se respeitar os acordos entre Rússia e Ocidente ao fim da Guerra Fria, que estipulava a não expansão da OTAN aos países do leste-Europeu. Lavrov denuncia que esta violação do acordo continuou e cada vez mais os países ocidentais insistem em expandir sua influência para os países da área de influência russa, cuja presença de tropas da OTAN em seus territórios representa uma evidente ameaça à segurança nacional da Rússia. A crise na Ucrânia representa justamente estas violações: quando o Ocidente impõe a necessidade destes países optarem por manter-se do lado dos russos ou aliarem-se às instituições ocidentais (UE, OTAN). Mas também, como na ocasião, Lavrov lembrou que a Rússia não busca uma vingança contra estas ações recentes, mas sim reconstruir uma base a partir da qual os conflitos que vem ocorrendo nos últimos anos não mais se repitam. O secretário é bastante enfático quando ele diz que a Rússia quer relações normais com os EUA.

“Essa crise deve ser resolvida, é a maior prioridade, mas não podemos fechar os olhos ao fato que todos os acordos concluídos após o final da Guerra Fria não foram seguidos. Nós não temos desejo de vingança, especialmente as custas de outros. Nós queremos ter relações normais com os Estados Unidos. Não fomos nós que destruímos os mecanismos estabelecidos nos anos recentes, que garantem contato diário abordando as preocupações de cada um (...). Agora nós temos que juntar os cacos, e negociar de alguma forma um novo sistema de segurança na base da reconfirmação dos princípios de Helsinki, um sistema que seria confortável para todos, incluindo a Ucrânia, Moldávia, todos aqueles a quem antes nossos colegas americanos propuseram a opção de se voltar para o Ocidente e cooperar menos com a Rússia. Isso é um fato”¹²³

Portanto, pode-se perceber um significativo aumento na percepção russa de que existe um acirramento nas tensões políticas entre Estados Unidos e países Ocidentais com a Rússia após o ano de 2014. Para Lavrov, a crise na Ucrânia simboliza esse colapso da ordem global, também apontado por Ischinger, mas que na sua visão, decorre da unipolaridade do Sistema Internacional, levada a cabo principalmente pelos EUA por ser a única superpotência. Contudo,

¹²³ No original: “The crisis must be settled, it is a prime priority, but we cannot turn a blind eye to the fact that all the agreements concluded after the end of the Cold War are not observed. We have no desire for revenge, especially at somebody else’s expense. We want to have normal relations with the US. It was not us who destroyed the established mechanisms created in recent years, which ensured daily contact and addressing each other’s concerns. (...) Now we have to pick up the pieces and somehow negotiate a new security system on the basis of re-confirming the Helsinki principles, a system that would be comfortable for all including Ukraine, Georgia, Moldova, all those before whom our US colleagues have placed the option of going West and cooperating less with Russia. This is a fact.”

e isso é muito importante enfatizar, mais uma vez a Rússia não se coloca enquanto um inimigo por princípio do mundo ocidental. Insiste na necessidade, e possibilidade, de uma real integração europeia com a participação da Rússia e em novas bases a partir das quais haja um diálogo ao invés de conflitos em episódios como o foi na Ucrânia.

“Nós ainda estamos confiantes que a maior parte da complexidade do assunto poderia ser resolvido mais facilmente se os maiores jogadores concordassem nos marcos estratégicos de suas relações. Recentemente, Helene Carrere d’Encausse, secretária permanente da Academia Francesa, por quem eu tenho grande respeito, disse que uma Europa real não pode não existir sem a Rússia. Nós gostaríamos de ver se essa perspectiva é compartilhada por nossos parceiros, ou se eles estão inclinados a aumentar o racha dentro do espaço comum europeu e fazer seus fragmentos se opuser uns contra os outros. Eles querem construir uma arquitetura de segurança com a Rússia, sem a Rússia, ou contra a Rússia? É claro, nossos parceiros americanos também terão que responder essa questão. Nós estivemos propondo por um bom tempo a criação de um espaço econômico e humanitário comum, de Lisboa a Vladivostok, baseado nos princípios de igual e inseparável segurança que iria encopassar tanto os membros das nações integrantes quanto as não integrantes. Organizar mecanismos confiáveis de interação entre União Econômica Eurasiática e a União Europeia é de principal importância. Nós agradecemos o apoio emergente a essa ideia dos líderes europeus mais responsáveis.”¹²⁴

2.4 A MSC de 2016 e o discurso do primeiro ministro Dmitri Medvedev.

O relatório da Conferência de 2016 evidencia uma percepção de que a segurança internacional está realmente em risco depois do aprofundamento dos problemas que tinham sido levantados em 2015 - fortalecimento do Estado Islâmico, agressividade da Rússia, migração em massa para a Europa, entre outros. Pior ainda, o relatório aponta que a possibilidade de

¹²⁴ No original: “We are still confident that the overall complex of issues could be resolved much more easily, if the largest players agreed on strategic landmarks in their relations. Recently Helene Carrere d’Encausse, permanent secretary of the Academie Française, whom I hold in high esteem, said that a real Europe may not exist without Russia. We would like to see if this perspective is shared by our partners, or if they are inclined to keep deepening the split in the common European space and setting its fragments in opposition to each other. Do they want to build a security architecture with Russia, without Russia, or against Russia? Of course, our American partners will also have to answer that question. We have long been proposing the creation of a common economic and humanitarian space from Lisbon to Vladivostok, based on the principles of equal and inseparable security that would encompass both members of integration unions and those nations that are not part of do them. Setting up reliable interaction mechanisms between the EAEU and the EU is especially topical. We welcome the emerging support for this idea by responsible European leaders.”

confrontos militares entre grandes potências não é mais uma hipótese descartável ou reservada a ficções distópicas.

Desde a Segunda Guerra Mundial não se viu um confronto militar direto entre grandes potências. Durante a Guerra Fria sempre houve o temor de que Estados Unidos e a União Soviética fossem às vias de fato, mas isso nunca ocorreu, em razoável medida pelo fato de que ambos os países possuíam grande armamento nuclear, cuja existência serviu para dissuadir cada lado de levar à cabo uma guerra total. Após a desintegração da URSS e o fim da Guerra Fria, ao longo das décadas de 1990 e 2000 pareceu que a possibilidade de confronto entre grandes potências era cada vez mais uma distante realidade, devido à grande assimetria militar, econômica e tecnológica dos EUA para com os demais países.

Contudo, o relatório da MSC 2016 afirma que esta preocupação voltou a ganhar relevância após as derrotas da política externa norte-americana nas duas principais guerras da década de 2010: Ucrânia (2014-2016) e Síria (2011-2016). Isto demonstra, por um lado, a perda de poder dos Estados Unidos, que não conseguem mais intervir nos demais países do mundo com a política que bem entenderem.

“Claims of a US retreat may be exaggerated. But in at least two of the defining conflicts of our time – Ukraine and Syria – the US has played a less prominent role than in previous conflicts. The key diplomatic format to resolve the Ukraine crisis – the so-called “Normandy group” – does not include the US. In any major European crisis since the end of World War II, such an absence would have been unthinkable. And in Syria, the US and its European allies stopped short of intervening against the Assad regime although he had crossed the announced “red line” – further underlining that the US dog in that fight is rather small.”¹²⁵

E por outro, consequentemente, demonstra o aumento de poder das demais potências internacionais, que no caso das duas guerras mencionadas é a Rússia. O conjunto destes fatores não evidencia a imediaticidade de uma possível guerra entre potências, mas sim que as condições objetivas para tanto vem sendo gestadas e como prova há uma corrida militar sem precedente entre elas desde o fim da Guerra Fria.

¹²⁵ Relatório Conferência de Segurança de Munique 2016. Disponível em: <https://www.securityconference.de/en/activities/munich-security-conference/msc-2016/>

“The crisis in Western-Russian relations continues to be serious. And in light of numerous close encounters and military incidents, the risk of unintended escalation is undeniable. ‘The risk of nuclear weapons use in the Euro-Atlantic region is on the rise – and it is higher than it has ever been since the end of the Cold War,’ a report by the Nuclear Threat Initiative found.”¹²⁶

2.5 *O discurso de Dmitri Medvedev na MSC 2016*

Coincidentemente, da mesma forma que Lavrov em 2015, o primeiro-ministro russo Medvedev inicia o seu discurso na MSC 2016 lembrando os ouvintes quanto ao discurso feito por Putin na MSC 2007. Mais uma vez, parece que a diplomacia russa quis dar a entender que os problemas que ocorrem hoje internacionalmente são oriundos de defeitos sistêmicos na ordem do Sistema Internacional vigente, e que a Rússia já havia alertado o mundo quanto a isso há 9 anos atrás.

“Antes de vir para essa conferência, me encontrei com o presidente Putin. Nós conversamos sobre seu discurso na conferência em Munique em 2007. Ele disse então que estereótipos ideológicos, duplas morais e ações unilaterais não aliviam, mas apenas alimentam tensões em relações internacionais, reduzindo as oportunidades da comunidade internacional em adotar decisões políticas significativas. Exageramos isso? Nossas avaliações sobre a situação foram muito pessimistas? Infelizmente, devo dizer agora é pior do que temíamos. O desenrolar tomou um rumo muito mais dramático desde 2007. O conceito de Europa Maior não se materializou. Crescimento econômico tem sido muito fraco. Conflitos no Oriente Médio e no Norte da África aumentaram em escala. A crise de migração tem empurrado a Europa em direção ao colapso. Relações entre a Europa e a Rússia se tornaram amargas. Uma guerra civil se alastra na Ucrânia.”¹²⁷

¹²⁶ Relatório Conferência de Segurança de Munique 2016. Disponível em:

<https://www.securityconference.de/en/activities/munich-security-conference/msc-2016/>

¹²⁷ No original: “Before coming to this conference, I met with President Putin. We talked about his speech at the Munich conference in 2007. He said then that ideological stereotypes, double standards and unilateral actions do not ease but only fan tensions in international relations, reducing the international community’s opportunities for adopting meaningful political decisions. Did we overstate this? Were our assessments of the situation too pessimistic? Unfortunately, I have to say that the situation is now even worse than we feared. Developments have taken a much more dramatic turn since 2007. The concept of Greater Europe has not materialised. Economic growth has been very weak. Conflicts in the Middle East and North Africa have increased in scale. The migration crisis is pushing Europe towards collapse. Relations between Europe and Russia have soured. A civil war is raging in Ukraine.”

Ao mesmo tempo que estes problemas, alertados por Putin em 2007, não cessam de aumentar, o Ocidente não revê suas posições e continua a responsabilizar a Rússia pelo aumento das tensões geopolíticas mundiais, tanto no leste-Europeu quanto no Oriente Médio.

Frente a isso, Medvedev usa uma retorica muito forte e declara que o mundo caminha para uma nova Guerra Fria.

“Falando francamente, estamos nos encaminhando rapidamente para um período de uma nova guerra fria. Rússia foi apresentada como a maior ameaça a OTAN, ou a Europa, América e outros países (e o Sr. Stoltenberg acabou de demonstrar isso). Eles mostram filmes assustadores sobre russos começando uma guerra nuclear. As vezes me confundo: estamos em 2016 ou 1962?”¹²⁸.

Após o começo estonteante de seu discurso, declarando que a trilha que o mundo percorre vai em direção a uma nova Guerra Fria e sem poupar acusações contra o Ocidente, Medvedev descreve quais são, na sua visão, os principais problemas securitários mundiais. Em todos eles, nota-se um remetimento direto ou indireto ao mau desempenho dos países ocidentais enquanto protagonistas da ordem global. Em primeiro lugar, aponta que a economia mundial está demasiadamente enfraquecida para que as questões políticas interfiram nas questões relativas ao desenvolvimento econômico e integração entre os países. Nesse sentido, critica as sanções contra a Rússia que ocorreram em função da anexação da Crimeia em 2014, considerada legítima pelos russos. Segundo Medvedev, estas sanções prejudicaram diversos negócios e parcerias entre a Rússia e países da Europa Ocidental, fato que apenas contribuiu para o aumento da cizânia intraeuropéia, ao invés de diminui-la.

Em segundo lugar, a crise econômica internacional vem levando à eclosão de diversos conflitos regionais muito perigosos, como é o caso da crise na Ucrânia e na Síria, cujas proporções estão extrapolando largamente a sua própria região e se espalhando para os demais países, principalmente na Europa. Por um lado, estes conflitos regionais estão diretamente ligados ao avanço do terrorismo internacional que vem afetando todos os países de forma avassaladora desde os últimos anos; por outro, são responsáveis pela maior crise migratória

desde a Segunda Guerra Mundial, em que milhões e milhões de pessoas são obrigadas a deixar suas casas em busca de paz, principalmente no Oriente Médio e África.

Apesar de iniciar o seu discurso denunciando o unilateralismo dos EUA na política internacional, principalmente em relação à Rússia, e desenvolver seu argumento de responsabilização do Ocidente quanto aos dilemas securitários contemporâneos, Medvedev insiste, como o fez Putin em 2007 e Lavrov em 2015, em defender a necessidade da cooperação entre a Rússia e o Ocidente como forma de superar os atuais impasses do Sistema Internacional.

“A maioria desses desafios não começaram ontem. E eles definitivamente não foram criados na Rússia. E ainda nós ainda não aprendemos a reagir corretamente, ou mesmo pró-ativamente, a esses problemas. É por isso que o grosso desses recursos vai em lidar com as consequências, geralmente sem identificar as causas. Ou nós investimos nossas energias não em lutar contra o verdadeiro mal, mas em dissuadir nossos vizinhos, e esse problema foi mencionado aqui. O Ocidente continua a ativamente usar essa estratégia de dissuasão contra a Rússia (...) Opiniões sobre as perspectivas para cooperação com a Rússia divergem. Opiniões também divergem na Rússia. Mas podemos nos unir para enfrentar esses desafios que mencionei acima? Sim, estou confiante de que podemos.”¹²⁹

Ao fim de seu discurso, Medvedev converge com a perspectiva da organização da MSC 2016 (expressa no relatório da conferência), que percebe um aumento significativo do escalonamento militar entre as grandes potências. Afirma que o mundo pôde gozar de 70 anos sem uma guerra total como o foi a Segunda Guerra Mundial pelo fato de que as potências souberam tirar as lições adequadas daquela tragédia. Contudo, parece que depois de tanto tempo, os líderes mundiais vêm se esquecendo destas lições. “But do we need one more, third global tragedy to understand that what we need is cooperation rather than confrontation?”

A rememoração da Guerra Fria é uma das principais características do discurso de Medvedev, que inicia sinalizando que o mundo está a adentrar em uma nova Guerra Fria e finaliza comentando como eram perigosas as tensões políticas entre EUA e URSS que traziam à tona a possibilidade de uma guerra nuclear na segunda metade do século XX.

¹²⁹ No original: “The majority of these challenges did not develop yesterday. And they were definitely not invented in Russia. Yet we haven’t learned to react to these challenges properly or even proactively. This is why the bulk of resources go into dealing with the consequences, often without identifying the root cause. Or we invest our energy not in fighting the real evil, but in deterring our neighbours, and this problem has just been voiced here The West continues to actively use this deterrence doctrine against Russia (...) Opinions on the prospects for cooperation with Russia differ. Opinions also differ in Russia. But can we unite in order to stand up against the challenges I mentioned above? Yes, I am confident that we can.”

“Gostaria de citar John F. Kennedy, que usou palavras muito simples, mas muito apropriadas, “políticas doméstica só conseguem nos derrotar, políticas externas podem nos matar.” No início da década de 1960 o mundo esteve perante a porta de um apocalipse nuclear, mas os dois poderes rivais encontraram a coragem para admitir que nenhuma confrontação política valia vidas humanas. Eu acredito que nós nos tornamos mais sábios e mais experientes e mais responsáveis. E não estamos divididos por fantasmas ideológicos e estereótipos. Eu acredito que os desafios que estamos encarando hoje não nos levarão ao conflito, mas sim nos encorajarão a nos unir numa união justa e igualitária que irá nos permitir manter a paz por mais de 70 anos, no mínimo”¹³⁰.

Apesar de, mais uma vez, a Rússia manifestar desejo de verdadeira normalização das relações com o Ocidente, percebe-se também o tom de antagonismo subiu significativamente de 2015 para 2016. Apesar de que já no ano anterior, quando Lavrov representou os russos na MSC, já houvesse uma denúncia mais direta aos EUA e os países da Europa Ocidental do que em 2007, a alusão feita por Medvedev à uma nova Guerra Fria demonstra um aumento das ressalvas da Rússia para com o Ocidente após esses dois anos de conflito na Ucrânia e cinco na Síria.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A hipótese da monografia é que há uma dupla dimensão nos discursos da Rússia nas Conferências de Segurança de Munique de 2007, 2015 e 2016 – em parte conflito e em parte cooperação – que converge com a hipótese de que a era Putin se caracteriza por um ocidentalismo moderado ao invés de um anti-ocidentalismo a priori, mesmo após a guerra civil da Ucrânia de 2014. Contudo, o aumento no nível retórico de antagonismo na MSC 2015 e

¹³⁰ No original: “I’d like to quote from John F. Kennedy, who used very simple but the most appropriate words, “Domestic policy can only defeat us; foreign policy can kill us.” In the early 1960s the world stood at the door of a nuclear apocalypse, but the two rivalling powers found the courage to admit that no political confrontation was worth the human lives. I believe that we have become wiser and more experienced and more responsible. And we are not divided by ideological phantoms and stereotypes. I believe that the challenges we are facing today will not lead to conflict but rather will encourage us to come together in a fair and equal union that will allow us to maintain peace for another 70 years, at least.”

2016, acompanhado dos recentes conflitos entre Rússia e Ocidente, demonstram que o polo conflitivo vem se fortalecendo na percepção russa do Ocidente.

Segrillo aponta que o ocidentalismo de Putin se deve ao fato de que a Rússia sob o seu governo mantém a adesão aos princípios ocidentais da democracia representativa e do livremercado, assim como a participação nas instituições internacionais multilaterais. Mas ele é moderado, ou pragmático, pois ele enxerga os conflitos de interesse geopolítico que existem entre a Rússia e os países Ocidentais, principalmente os Estados Unidos. Poderia-se argumentar que Yeltsin também enxergava estes conflitos de interesse, tanto é que escreveu à OTAN em 1995 que a sua expansão para os antigos países da cortina de ferro era um rompimento do acordo entre Bush e Gorbachev quanto à dissolução do Pacto de Varsóvia. Contudo, existe uma diferença qualitativa entre ambos: enquanto Yeltsin restringia-se à silenciosos protestos, Putin empregou poder econômico e militar para enfrentar a expansão da OTAN para o seu território. Sua determinação em interromper o avanço da aliança militar ocidental até o limite das fronteiras russas foi de impacto tamanho que popularizou o jargão de que vivemos uma “nova Guerra Fria”.

Não existe hoje algo como uma “nova Guerra Fria”. Os efeitos retóricos que produz o uso de tal expressão a desqualifica de antemão do ponto de vista acadêmico e histórico. Contudo, como foi evidenciado ao longo da monografia, os conflitos geopolíticos entre a Rússia e o Ocidente não findam de cessar desde o segundo mandato de Vladimir Putin. E mais: adquiriram proporções inéditas desde o fim da Guerra Fria após os eventos de 2014 na Ucrânia.

“I cannot forecast to you the action of Russia. It is a riddle wrapped in a mystery inside an enigma; but perhaps there is a key. That key is Russian national interest.” Tais foram as palavras do primeiro ministro britânico, Winston Churchill, ao ser questionado quais eram os interesses russos no pacto de não agressão nazi-soviético Molotov-Ribentropp. Na época, todos ficaram surpresos com a decisão de Stalin de fazer um acordo de paz com Hitler, seu arqui-inimigo ideológico que pregava a destruição do comunismo. Baseando-se no geógrafo inglês Halford Mackinder, que afirmava que uma aliança continental entre a Alemanha e a Rússia iria destruir a Inglaterra, Churchill percebia a necessidade de Stalin tornar a fronteira ocidental da Rússia, onde ficava a planície europeia. Esse era um interesse vital dos russos, pois era seu calcanhar de Aquiles em uma guerra europeia. Com o fortalecimento da Alemanha nazista, junto de seu discurso anti-comunista, Churchill percebeu que Stalin colocaria os interesses nacionais russos acima da campanha ideológica comunista. Tal era importante, para a Rússia,

a proteção de suas fronteiras ocidentais: Stalin o fez em troca do sacrifício do comunismo na Europa Ocidental.

Como aponta Mearsheimer, no artigo em que argumenta que a crise da Ucrânia é culpa do Ocidente, não existia a possibilidade de a Rússia permitir o alinhamento ucraniano à União Europeia e OTAN. A possibilidade de haverem tropas norte-americanas estacionadas na fronteira russa, na ponta da planície europeia, seria uma derrota inaceitável para Putin. Isso quer dizer que o avanço da influência ocidental sobre a Ucrânia se tratava de uma ameaça real aos interesses nacionais russos, que pretendem manter sob controle o buffer state que o divide da Europa Ocidental.

Portanto, os atuais conflitos entre a Rússia e o Ocidente não advém de um antiocidentalismo a priori de Vladimir Putin. Contudo, as tensões geopolítica não cessam de crescer entre as potências. Que hoje não vivemos uma “nova Guerra Fria” é correto. Quanto ao futuro, resta-nos apenas esperar e observar a great power politics do século XXI.

4. Referências.

ARON, Raymond. *Paz e guerra entre as nações*. UNB/IPRI, 2002.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Segunda Guerra Fria*. Elsevier: São Paulo, 2013.

GORDON, Michael. *The Anatomy of a Misunderstanding*. The New York Times, 1997. Disponível em: <http://www.nytimes.com/1997/05/25/weekinreview/the-anatomy-of-amisunderstanding.html>. Acessado em: 05 jun. 2016.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. Companhia das letras: São Paulo, 2014.

ISCHINGER, Wolfgang. *Towards mutual security: from Wehrkunde to the Munich Security Conference*. Munich Security Conference Website. Disponível em: https://www.securityconference.de/fileadmin/MSC_/2014/Munich_Security_Conference_05_Ischinger.pdf

KALB, Marvin. *New Cold War*. Washington: Brookings, 2015.

KAPLAN, Robert. *A vingança da geografia*. Elsevier editora: Rio de Janeiro, 2013.

LEGVOLD, Robert. *Managing the New Cold War: What Moscow and Washington can learn from the last one*. Foreign Affairs, July/August, 2014.

LUCAS, Edward. *The new Cold War: Putin's Russia and the threat to the West*. Macmillan, 2014.

MASTERS, Jonathan. *The North Atlantic Treaty Organization*. Council on Foreign Relations, 2016. Disponível em: < <http://www.cfr.org/nato/north-atlantic-treaty-organizationnato/p28287>>. Acessado em: 04 jun. 2016.

MARSHALL, Tim. *Russia and the course of geography. Want to understand why Putin does what he does? Look at a map*. The Atlantic, 31 Outubro. Disponível em: <http://www.theatlantic.com/international/archive/2015/10/russia-geography-ukrainesyria/413248/>

MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. In: *A revolução antes da revolução: As lutas de classes na França – de 1848 a 1850; O 18 Brumário de Luís Bonaparte; A guerra civil na França*. Expressão popular: São Paulo, 2008.

MAZAT, Numa; SERRANO, Franklin. A geopolítica da federação russa em relação aos Estados Unidos e à Europa: Vulnerabilidade, Cooperação e Conflito. In: ALVES, André G. de M. P.; ADAM, Gabriel Pessin; MAZAT, Numa; POMERANZ, Lenina; SEGRILLO, Ângelo; SERRANO, Franklin. *O renascimento de uma potência? A Rússia no século XXI*.

IPEA: Brasília, 2012.

MEARSHEIMER, John J. *The tragedy of great power politics*. WW Norton & Company: New York, 2014.

MEARSHEIMER, John J. *Why the Ukraine crisis is the West's fault: the liberal delusions that provoked Putin*. Foreign Affairs, September/ Oktober, 2014.

PLEKHANOV, Sergei. Assisted suicide: Internal and external causes of the Ukrainian Crisis. In: BLACK, J.L.; JONES, Michael. *The return of the Cold War: Ukraine, the West and Russia*. Routledge: New York, 2016.

SEGRILLO, Angelo. *De Gorbachev a Putin: a saga da Rússia do Socialismo ao Capitalismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

SEGRILLO, Angello. A política externa russa pós-Guerra Fria em relação ao Ocidente: uma leitura histórica. In: OKUNEMA, Liudmila; PAVLOVA, Elena; DO CARMO, Corival Alves; ZHEBIT, Alexander; ADAM, Gabriel; RUDZIT, Gunther; MOROZOV, Viatcheslav; HAGE, José Alexandre; SILVA, Matheus Passos. *A Rússia: Desafios presentes e futuros*. Juruá Editora: Curitiba, 2010.

SOUZA, Bruno Mendelski de; MACHADO, Lauren. *A política externa e a atuação russa no Conselho de Segurança das Nações Unidas de 1991-2014*. Revista de Geopolítica 6.1 (2015): 46-64.

SUSSMAN, Gerald; KRADER, Sascha. *Template Revolutions: Marketing U.S. Regime Change in Eastern Europe*. Westminster Papers in Communications and Culture, University of Westminster, London, vo.5, n.3, 2008.

VISENTINI, Paulo Fagundes. *A Primavera Árabe: entre a democracia e a geopolítica do petróleo*. Leitura XXI: Porto Alegre, 2012.